



**Marllon Calaes Carvalho**

**DESTRUIR MUROS E CONSTRUIR PONTES:  
Empreendedorismo Social como Caminho para  
uma Educação Empreendedora mais Crítica**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Alessandra de Sá Mello da Costa

Rio de Janeiro  
Julho de 2021



**Marllon Calaes Carvalho**

**DESTRUIR MUROS E CONSTRUIR PONTES:  
Empreendedorismo Social como Caminho para  
uma Educação Empreendedora mais Crítica**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof.<sup>a</sup> Alessandra de Sá Mello da Costa**  
Orientadora  
Departamento de Administração – PUC-Rio

**Prof. Luís Alexandre Grubits de Paula Pessôa**  
Departamento de Administração - PUC-Rio

**Prof. Saulo Barroso Rocha**  
Departamento de Empreendedorismo e Gestão - UFF

Rio de Janeiro, 26 de julho de 2021

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **Marllon Calaes Carvalho**

Graduado em Administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (2012). Desde 2010 trabalha com o tema do empreendedorismo, tendo atuado com aceleração de startups, consultor em gestão e desenvolvimento de negócios para startups e microempresas. Enquanto empreendedor, fundou uma empresa de educação empreendedora e um negócio social. Atualmente trabalha como tutor de negócios de impacto, contribuindo para o desenvolvimento de jovens empreendedores que desejam impactar positivamente a sociedade.

#### Ficha Catalográfica

<p>Carvalho, Marllon Calaes</p> <p>Destruir muros e construir pontes : empreendedorismo social como caminho para uma educação empreendedora mais crítica / Marllon Calaes Carvalho ; orientadora: Alessandra de Sá Mello da Costa. – 2021. 98 f. ; 30 cm</p> <p>Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Administração, 2021. Inclui bibliografia</p> <p>1. Administração – Teses. 2. Empreendedorismo. 3. Educação empreendedora. 4. Empreendedorismo social. 5. Educação crítica. 6. Negócios de impacto. I. Costa, Alessandra de Sá Mello da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Administração. III. Título.</p>
--

CDD: 658

“Num país como o Brasil, manter a esperança viva é  
em si um ato revolucionário”.  
Paulo Freire

## Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, ao meu filhote Zoé, que acabou de nascer e trouxe junto dele as últimas inspirações, ensinamentos além da esperança no futuro que precisava para finalizar a pesquisa.

À minha companheira e admirável educadora Carol por todo apoio intelectual e emocional, tendo paciência nesse processo de grande transformação pessoal e profissional que foi o mestrado.

À Prof.<sup>a</sup> Alessandra de Sá Mello da Costa, minha orientadora, por me direcionar nesta pesquisa, com todo seu afeto, parceria, profissionalismo, dedicação, conhecimento e pensamento crítico.

Aos meus pais, que, sempre foram incansáveis na missão de educar e os principais facilitadores da minha formação pessoal e acadêmica.

À minha irmã pela parceria de sempre, incentivo e diálogos reflexivos.

Aos estudantes e professoras que disponibilizaram suas agendas e seus depoimentos para participarem da pesquisa e que foram fundamentais na construção desse trabalho.

À banca de defesa, formada pelos professores Luís Alexandre Grubits de Paula Pessoa e Saulo Barroso Rocha, por participar desse momento tão importante da minha.

À Prof.<sup>a</sup> Inés Miller do Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem (PPGEL), do departamento de Letras da PUC-Rio, que me recebeu em sua disciplina e me ensinou que educação se constrói com afeto, coletividade, criticidade, diversidade e esperança sempre.

Aos meus companheiros e companheiras de trabalho e projetos de empreendedorismo e educação (Gustavo, Melanie, Kariny, Rafael, Antonio, Julio, Rodrigo, Daniel, Juliana, Suzana, Nathalia) que me inspiraram e ajudaram a refletir de maneira mais aprofundada e propor diálogos entre esses campos de conhecimento.

À minha terapeuta; sem seu apoio emocional certamente esse trabalho não teria ficado pronto.

À equipe técnica e docente do IAG (Escola de Negócios PUC-RIO).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

## Resumo

Carvalho, Marllon Calaes; Costa, Alessandra de Sá Mello da. **Destruir Muros e Construir Pontes: Empreendedorismo Social como Caminho para uma Educação Empreendedora mais Crítica.** Rio de Janeiro, 2021. 98p. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Administração de Empresas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Diante do cenário de agravamento de crises devido à pandemia da COVID-19, essa pesquisa buscou compreender como, em um contexto brasileiro de pandemia, a educação empreendedora busca construir um conhecimento reflexivo e propositivo acerca do papel do empreendedor na sociedade, e de que forma uma educação crítica pode contribuir com esse processo. O estudo qualitativo analisou os dados recolhidos em um processo de observação participante do pesquisador em uma disciplina de empreendedorismo de uma universidade de grande reconhecimento na temática, os documentos relacionados à referida disciplina e depoimentos de docentes e estudantes, concedidos por meio de entrevistas. A partir de uma abordagem temática, a análise foi estruturada sob a perspectiva de dois grandes temas e seus subtemas: (1) Ser empreendedor; (1.1) Perfil Empreendedor, (1.2) Educação Empreendedora, (1.3) Eu Produto, (1.4) Indivíduo padronizado; e (2) Ser um empreendedor agente de mudança; (2.1) Visão Coletiva *versus* Visão Individualista, (2.2) Mudança positiva *versus* mudança negativa, (2.3) Empreendedorismo social. Dessa forma, a pesquisa evidencia uma contribuição pouco efetiva para a formação de indivíduos críticos e com potencial de transformação social. Portanto, o estudo sugere, a partir de um alicerce consistente da pedagogia crítica de Paulo Freire, entre o empreendedorismo social, de impacto e o ensino do empreendedorismo, uma reavaliação deste último enquanto instrumento político, democrático e de liberdade, que trabalhe a serviço da visão coletiva, desenvolvendo sujeitos capazes de interagir com as demandas reais e atuar de forma propositiva, promovendo mudanças positivas frente aos problemas socioambientais que fazem parte das realidades brasileiras.

## Palavras-chave

Empreendedorismo; Educação Empreendedora; Empreendedorismo Social; Educação Crítica; Negócios de Impacto.

## Abstract

Carvalho, Marllon Calaes; Costa, Alessandra de Sá Mello da. **Tearing down walls and building bridges: Social Entrepreneurship as a path to a more critical entrepreneurial education.** Rio de Janeiro, 2021. 98p. Master Degree's Dissertation – Post-Graduation Program in Business Administration, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro – PUC-Rio.

In light of the aggravation of crises due to the COVID-19 pandemic, this research sought to understand how, in a Brazilian pandemic context, entrepreneurial education tries to build a reflexive and propositional knowledge about the role of the entrepreneur in the society and how a critical education can contribute with this process. The qualitative study analyzed the data in a participant observation process of the researcher in an entrepreneurship class of a well recognized university in this topic. The documents related to that discipline and testimonies were obtained through interviews with professors and students. From a thematic approach, the analysis was structured under the perspective of two major themes and their sub-themes: (1) Being an entrepreneur; (1.1) Entrepreneurial Profile, (1.2) Entrepreneurial Education, (1.3) Me as a Product, (1.4) Standardized individual; and (2) Be a change agent entrepreneur; (2.1) Collective Vision versus Individualistic Vision, (2.2) Positive change versus negative change, (2.3) Social entrepreneurship. Thus, the research shows an ineffective contribution to the formation of critical individuals with potential for social transformation. Therefore, the study suggests, based on a consistent foundation of Paulo Freire's critical pedagogy, between social, impact entrepreneurship and the teaching of entrepreneurship, a reassessment of the latter as a political, democratic and freedom instrument that works at the service of collective vision, developing subjects capable of interacting with real demands and acting purposefully, promoting positive changes in the face of socio-environmental problems that are part of Brazilian realities.

## Keywords

Entrepreneurship; Entrepreneurial Education; Social Entrepreneurship; Critical Education; Impact Business.

## Sumário

1 . O problema	18
1.1. Introdução	18
1.2. Objetivo final	22
1.3. Objetivos Intermediários	22
1.4. Motivação e Relevância do Estudo	23
2 Referencial teórico	28
2.1. Empreendedorismo	28
2.2. Educação Empreendedora	32
2.3. Paulo Freire e Educação Crítica	35
2.4. Empreendedorismo Social e Negócios de Impacto	40
3 Metodologia	45
3.1. Procedimentos e Instrumentos de Coleta de Dados	47
3.2. Análise dos dados	50
4 Análise e Interpretação dos Resultados	53
4.1 Educação Empreendedora e o domínio adicional Empreendedorismo.	53
4.2 A disciplina Atitude Empreendedora	56
4.3 O Contexto da Pesquisa	65
4.4 A Disciplina na Prática	68
4.4.1 Tema 1 - Ser Empreendedor	69
4.4.2 Tema 2 - Ser um Empreendedor Agente de Mudança	75
5 Considerações Finais	85
6 Referências Bibliográficas	89
Anexo 1	96



## Lista de figuras

Figura 1 – Esquema Temático

68

## Lista de quadros

Quadro 1 – Esquema Metodológico	48
Quadro 2 – Características dos Entrevistados	49

“Quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem.”

Rosa Luxemburgo

## Prólogo

“Caminhante, não há caminho, ele é feito ao caminhar”  
- Antonio Machado

Início essa reflexão com uma citação do poeta espanhol Antonio Machado que representa para mim um importante processo de ressignificação que vivi nessa pós-graduação. Para um empreendedor dotado de extrema ansiedade e que busca resposta prática e solução para tudo de forma antecipada, entrar no mestrado certo de onde chegaria só contribuiu para que as minhas frustrações pessoais, na formação enquanto pesquisador, gerassem ainda mais impulso para minha própria (re)(des)construção enquanto um caminhante.

Depois de quase 20 meses de mestrado e estando em processo de reconstrução de alguns saberes, tive a ideia de sair da *caixa* da administração e extrapolar os muros desse campo de conhecimento, meu lugar de conforto. Resolvi me aventurar na linguística aplicada, por suspeitar que aí teria uma possibilidade de (re)construir minha análise sobre meu objeto de pesquisa a partir de uma perspectiva mais multidisciplinar para o fenômeno do meu interesse – o ensino do empreendedorismo. No entanto, preciso confessar que não foi um processo tão simples até chegar aqui.

Com o objetivo de contextualizar essa história, me transporto agora para março de 2005, em um anfiteatro antigo do Colégio Pedro II. Era um jovem de 17 anos, da 2ª série do ensino médio, e me deslumbrei com a possibilidade de participar de um programa para criar um projeto de empresa do zero junto a outros colegas de mesma idade. O objetivo do Programa Miniempresa é estimular uma atitude empreendedora nos alunos e proporcionar aos estudantes uma experiência prática através da execução de atividades relacionadas ao dia a dia de um negócio (JARJ, [s.d.]). Foi uma incrível experiência e definitiva na escolha de cursar administração e ter uma empresa própria no futuro. Dali em diante, meu vínculo com esse mundo do empreendedorismo se tornou muito estreito, com muita imersão e trabalho, uma vez que logo nos primeiros períodos da universidade eu já me envolvi em um projeto grande de empreendedorismo e logo depois me tornei sócio de uma empresa que apoiava empreendedores no planejamento de seus projetos. Apesar de diversos desafios, sucessos e alguns fracassos, eu não cansava de empreender e de fomentar o empreendedorismo como um excelente caminho.

Minha energia e deslumbre com as aventuras desse mundo não me deixavam avaliar criticamente o que estava por trás de toda a prática e discurso. A cada novo projeto o meu ego inflava ainda mais, principalmente nos momentos de entrevistas e gravações para reportagens em diversos veículos de imprensa. Empreendedorismo está na moda. Sucesso vende (SOARES, 2015). Eu contribuía para isso, replicando, sem refletir. Fazia sentido, me deixava feliz, mas sempre foi superficial. Em alguns momentos eu até percebia certas coisas que me incomodavam e evitava eventos e pessoas “famosas”. Algo nesse contexto mexia comigo de forma negativa ao mesmo tempo que também me inspirava. Hoje, compreendo que a não elaboração sobre as premissas políticas, econômicas e sociais das mensagens do discurso individualista e opressor do empreendedorismo colabora para que as raízes que alicerçam o projeto neoliberal de sociedade ganhem ainda mais força.

Voltando ao meu fantástico mundo do sucesso, em algum momento de um passado recente, resolvi junto aos meus sócios criar um negócio social<sup>1</sup> que tinha a proposta de resolver os problemas de gestão dos empreendedores da periferia, através de um aplicativo para celulares. O que eu não contava é que, depois de quase dois anos de projeto, nosso plano começaria a dar errado e teríamos que optar por descontinuar a operação. Isso me frustrou muito e o luto me tomou. Mesmo já tendo vivido outros fracassos, e com o sucesso da outra empresa de consultoria que até hoje temos, eu não conseguia me desvincular dessa outra experiência. Aquele projeto era um sonho. Gostaria de contribuir para o crescimento daqueles empreendedores que em muitos momentos *vendem o almoço para comprar o jantar* por, no meu entender, não saberem técnicas básicas de como gerir e vender melhor. Eu queria ajudar, e acreditava que estava fazendo o melhor, da forma mais adequada.

Peço desculpas a você por essas lamentações, que me parecem inadequadas e nada interessantes, mas que auxiliam em minha reflexão, autoetnográfica, sobre todo esse processo na minha vida e como ele está diretamente ligado ao meu vínculo acadêmico hoje.

Foi na tentativa de elaboração desse luto que percebi que o caminho seria o da educação e decidi estudar o fenômeno do empreendedorismo. Quando li o que Freire (2011) disse sobre a importância da reflexão crítica em

---

<sup>1</sup> A proposta de um negócio social é apresentar em seu modelo de negócio uma solução (produto ou serviço), que seja rentável financeiramente, para algum problema social e/ou ambiental relevante. Ou seja, trata-se de uma empresa, mas a motivação principal não é o lucro, e sim o impacto positivo; no entanto, por possuir um modelo de negócios rentável, é diferente, por exemplo, de uma ONG que depende de patrocínio (SEBRAE, [s.d.]).

relação à prática, percebi que todo esse meu processo poderia estar ligado à ausência de teoria e pensamento crítico sobre a prática empreendedora. E não só. Elaborando melhor sobre essa experiência de fracasso, entendo que, de alguma forma, esse projeto criado possuía um caráter de dominação da minha parte. Esse *insight* apareceu em uma citação de Hooks (2017) do livro *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*, de Paulo Freire, no qual ele defende que a ajuda autêntica está baseada em um processo no qual ambas as partes contribuem no processo, ajudando-se mutuamente. Essa ajuda deveria se tratar de um processo de descoberta, construção e transformação conjunta, pois o contrário, no qual uma só parte ajuda, poderia se configurar como um instrumento de dominação deste sobre quem é ajudado.

Essa reflexão me trouxe inclusive para um processo de ressignificação do meu papel profissional atual como consultor e mentor de empreendedores de periferia e de empresas de impacto em estágio embrionário. Nessa atuação, sempre tive uma preocupação de possuir todas as respostas e soluções para os problemas enfrentados por eles. Considerava que naquela relação eu deveria apresentar domínio sobre todos os assuntos e instruí-los da melhor forma. Mais uma vez o equívoco se repetia, uma vez que esse processo de instrução somente contribuía para a construção de uma relação de dependência e manutenção da desigualdade, se afastando do que eu realmente acredito e que Ranciere (2019) defende como a emancipação das inteligências. Busquei, então, modificar minha atuação em um estilo “consultor ignorante” (termo de Miller, comunicação pessoal, inspirada no livro ‘O Mestre Ignorante’, de Jacques Rancière), facilitando os encontros de forma mais aberta, sem respostas prévias, escutando muito mais o empreendedor e propondo questionamentos em vez de respostas, a partir das situações e problemas apresentados e construindo juntos as soluções para que ele pudesse aplicá-las em seu negócio. Foi libertador para mim. Parece que para eles também, pois participavam mais e se mostravam engajados com a troca.

Voltando para minha trajetória depois de mais de seis anos longe da universidade, apliquei para o mestrado e fui aprovado. Foi uma surpresa para muitos à minha volta. Acho que não a minha aprovação, mas a possibilidade real de um indivíduo como eu, que sempre foi muito da prática e ignorante da teoria acadêmica, cursar o mestrado acadêmico. Até eu estava surpreso e com medo desse novo mundo, confesso.

O mestrado foi um processo bastante interessante. No início pensei em desistir algumas vezes por conta das disciplinas obrigatórias da administração

que não possuem qualquer alinhamento com meu projeto de interesse, e por professores que tratavam a turma com excesso de trabalhos pouco úteis. Por outro lado, encontrei profissionais incríveis e junto deles dei início a um movimento de (de)(re)construção mais crítico sobre temas da administração. Processo esse que tem me impulsionado a expandir horizontes na construção do meu conhecimento e dialogar com outros saberes, a partir de múltiplas perspectivas. Minha orientadora atual representa um desses maravilhosos encontros da academia com o social que ajudam a dar sentido ao fazer pesquisa. Foi nesse processo de extrapolar meu lugar de conforto que falei com Inés Miller e me inscrevi na disciplina Discurso em Contextos Pedagógicos, no departamento de Letras da PUC-Rio. Um presente para a vida. Esse movimento de mudança de perspectiva, a troca com colegas educadores e a discussão humanizada e mais aprofundada a respeito de alguns temas que até então eu discutia superficialmente e somente com o olhar do empreendedor, foram mexendo comigo de uma maneira estrutural.

Discussões, por exemplo, sobre modelos de negócios de *startups* (Uber, Airbnb, IFood, entre outras) consideradas referências em inovação, com alto potencial de crescimento e desejo de muitos empreendedores, que eu muitas vezes contribuí para a replicação dessa lógica, e que ganharam um outro significado a partir da mudança de perspectiva para uma análise crítica. O aprofundamento desse debate trouxe um olhar sobre as relações construídas nesse modelo de empresa na qual o lucro pessoal dos investidores é o tema de maior importância e, desta forma, elas buscam a construção de modelos mais leves e eficientes que basicamente se resumem à diminuição de vínculos trabalhistas e precarização do trabalho nomeando como empreendedorismo. Essas empresas buscam pessoas com *perfil empreendedor*, ou seja, criativas, inovadoras, que topem correr riscos, que sejam flexíveis e se adaptem rápido a mudança, que tenham capacidade de liderança, entre outras características, para contribuir para o projeto de crescimento delas.

Como diria Clarice Lispector: Os ignorantes são mais felizes. Eu concordo. Eu era. O meu mundo empreendedor começou a desmoronar tão rápido como um castelo de areia tão belo e repleto de detalhes observado e fotografado por milhares de pessoas, mas extremamente frágil e vazio por dentro.

Não é fácil confessar tudo isso para mim mesmo e dói muito. Abandonar crenças arraigadas, formas de pensamento excludentes e reconstruir o aprendizado causa bastante desconforto (HOOKS, 2017). Foi um momento de

revolta com tudo do empreendedorismo. Eu queria romper, não trabalhar mais com isso. Ou melhor, eu pensei em militar contra. Eu não acreditava mais no que estava fazendo. Era melhor desistir de tudo, mestrado, empresa, e mudar dessa vida empreendedora.

Uma viagem curta e reflexiva foi importante nesse momento para que eu pudesse entender que a pesquisa poderia ser entendida como um processo terapêutico (ELLIS; BOCHNER, 2000) desse trauma que eu estava vivenciando e que, de certa forma, eu poderia ressignificar essa experiência para contribuir para a discussão crítica sobre o empreendedorismo. Ser sincero comigo mesmo na minha pesquisa, antes de qualquer coisa, é preciso para que todas essas emoções se transformem em um trabalho que contribua para o tema e que possa dialogar de forma transparente com outros acadêmicos e docentes dessa temática. No início, era difícil acreditar que seria possível trazer minhas emoções e esse processo pessoal, apresentando tamanha vulnerabilidade em uma escrita acadêmica, ainda mais na administração. Por outro lado, com o texto de Ellis & Bochner (2000), pude perceber que ninguém é imune, invulnerável, e, apesar dessa escrita vulnerável assustar, ela é sim possível na academia e possui um potencial transformador para o processo de crescimento e compreensão de um determinado tema, tanto para o pesquisador quanto para o leitor. Nesse momento, compreendi que meu foco deveria ser direcionado para a educação empreendedora, por acreditar que é nesse projeto de educação que pode haver espaço para mudanças estruturais no longo prazo.

Dessa forma, sigo costurando meu caminho enquanto pesquisador. Sou muito grato às trocas humanas, coerentes e afetivas vividas no mestrado, em um momento de “pandemônio” (Miller, comunicação pessoal, 2020), que foram essenciais não só para a construção desse trabalho acadêmico, como também para um redesenhar da minha trajetória de vida. Esses encontros renovaram minha **Esperança** na educação, portanto no presente e futuro.

**Esperança**, em seu sentido mais genuíno, significa fé na bondade da natureza humana. Significa confiar, acreditar ser possível ensinar (e aprender!) o diálogo, o reconhecimento da diversidade, a amorosidade, a solidariedade, a alegria, a justiça, a ética, a responsabilidade social, o respeito, a cidadania, a humanização da escola. Utopia! – exclamarão alguns. Mas, como nos avisa Robert Musil, “a utopia é uma possibilidade que pode efetivar-se no momento em que forem removidas as circunstâncias que obstam sua realização (PACHECO, 2012, p.19).

# 1 O problema

## 1.1 Introdução

Um levantamento feito pelo movimento global *Imperative 21*, lançado no final de 2020 pelo Sistema B, e que tem por objetivo redefinir o capitalismo através de propostas políticas e ações que estimulem que as empresas tenham um outro propósito diferente do comum *lucro a qualquer preço*, estimou que mais de 305 milhões de trabalhadores estariam desempregados no segundo semestre de 2020. Vinte e seis indivíduos concentram metade da riqueza de toda a humanidade. Em 2019, 1% da população ganhava quase 34 vezes mais que a metade de menor rendimento. O rendimento dos homens é 28,7% maior que o das mulheres. As mudanças climáticas apresentam grande ameaça para todo o mundo, principalmente para os países mais pobres.

Dentre os três princípios de regulação das sociedades modernas, o mercado tem sido priorizado pelo sistema neoliberal dominado pelo capital financeiro, em detrimento dos princípios do Estado e Comunidade. Essa versão antissocial do capitalismo sujeitou as áreas sociais a estratégias voltadas aos interesses do capital privado, com foco na maximização dos lucros para os investidores. Até então, a mercantilização da vida coletiva foi uma escolha que precisa ser revisitada para que o valor da vida humana passe a ter mais destaque e importância que os interesses econômicos (SANTOS, 2020), diferente do que está sendo assistido exatamente neste momento, quando o estado de pandemia completa um ano e o chefe de estado brasileiro eleito democraticamente discursa em defesa da saúde econômica do país em detrimento da saúde e condições dignas de vida da população.

Mesmo que uma argumentação seja baseada na concepção econômica de Schumpeter (1961), que defende a relação direta positiva entre a ação empreendedora e o desenvolvimento econômico, sendo este fundamental para a

redução das desigualdades e prosperidade da nação, é preciso lembrar que esse tal desenvolvimento precisa ser estimulado de forma sustentável, considerando não só a necessidade de utilização dos recursos disponíveis no presente, como também sem comprometer sua disponibilidade e capacidade para as gerações futuras (DEGEN, 2008). Ou seja, a lógica simplista de que por si só a atividade empreendedora gera emprego e renda, e que isso é um grande benefício para a sociedade, precisa ser questionada. Às custas de quê e de quem essa riqueza é gerada pelo modelo empreendedor? O que ela vem trazendo de impactos negativos para todos os lados, principalmente para os indivíduos mais vulneráveis? As respostas a essas perguntas são importantes. Falar, por exemplo, de inovação e exploração de oportunidades sem discutir e refletir sobre os meios pode ser superficial e perigoso demais em uma agenda formativa, principalmente considerando os jovens de uma universidade.

O momento de pandemia é propício para mudanças e a discussão sobre um *novo normal* (para mim, esse termo não faz sentido algum, mas isso é outro debate) traz à tona o fato de que não será possível estabelecer um plano de recuperação pautado em diretrizes sociais e ambientais, que estabeleça o princípio de comunidade frente ao mercado, se a economia continuar baseada na maximização do lucro pessoal (YUNUS, 2020). Desta forma, este cenário se mostra adequado à ampliação das discussões sobre negócios de impacto.

Assim como negócios comerciais tradicionais, esses possuem também interesse na geração de receita; no entanto, não só, e por isso buscam o retorno financeiro motivados por atividades (produtos e/ou serviços) que tratem problemas sociais e/ou ambientais (BARKI, 2015). Os negócios de impacto também são diferentes da lógica da responsabilidade social corporativa, por exemplo, que se preocupa apenas com ações e compensações positivas, independente dos objetivos, fins e meios pelos quais a empresa opera. Não se trata de uma ruptura total e um recomeço do zero. Para essa mudança de consciência, é necessário trabalhar um espaço de coexistência no qual negócios tradicionais e sociais possam trabalhar juntos, e que cada vez mais o modelo baseado somente no lucro pessoal e de poucos interaja e colabore mais diretamente com esse novo modelo, a ponto de criarem novas empresas sociais ou até adequarem seus modelos atuais à resolução de dilemas socioambientais (YUNUS, 2020).

Para que essa mudança de consciência e postura possa acontecer de forma estrutural, é fundamental discutir o empreendedorismo na perspectiva da educação (PÔRTO JR., 2019), já que esse é o pilar base do desenvolvimento e

aprendizagem de discursos e práticas no caminho de formação desse futuro profissional e/ou indivíduo empreendedor. Sem um trabalho de reformulação da proposta educacional nesta temática, é difícil acreditar na possibilidade de mudança nas atitudes e comportamentos sociais acerca do empreendedorismo e das crenças em torno da criação de negócios, com vistas a contribuir para o desenvolvimento sustentável.

Uma proposta mais sólida de educação empreendedora deveria assumir um caráter transversal na instituição e extrapolar seus muros, na intenção de costurar laços com a comunidade através do desenvolvimento de projetos voltados para a necessidade local que sejam capazes de gerar valor social (COSTA; CARVALHO, 2012). O ponto aqui não é aprimorar apenas o discurso do empreendedorismo valorizando a sua contribuição na geração de emprego e renda para a nação. Até porque isso é inerente a qualquer iniciativa, uma vez que depende de pessoas para acontecer e, portanto, essas pessoas têm o direito de receber uma remuneração justa pelo seu trabalho. Inclusive, na literatura, alguns autores indicam que o interesse na construção de algo positivo para a sociedade no futuro e a solução de alguns dilemas socioambientais são exemplos de aspectos mais relevantes para alguns indivíduos, na motivação de empreender, frente à geração de lucro (MELLO; PISCHETOLA, 2019).

Propor esta pesquisa no contexto de uma instituição de ensino superior é partir do entendimento de que esse deve ser um ambiente que promove reflexões nos indivíduos, estimulando a autonomia e emancipação humana, capaz de colaborar com a formação de pessoas questionadoras do seu papel e da ordem hegemônica, e que estejam interessadas na colaboração para o desenvolvimento social, não simplesmente como um espaço de replicação dos modelos socioeconômicos vigentes e atendimento exclusivo aos interesses comerciais do mercado (BICALHO; PAULA, 2012; COSTA; SARAIVA, 2012). A minha escolha em trabalhar com a universidade escolhida está pautada principalmente em seu reconhecimento como uma instituição acadêmica e privada referência em cultura empreendedora, que oferta um domínio adicional focado na formação do indivíduo empreendedor (MELLO; PISCHETOLA, 2019). Outro fator motivador para essa escolha está no desejo pessoal de contribuir para uma reflexão sobre o papel da educação empreendedora nessa universidade, que é referência no campo e desenvolve também um importante trabalho comunitário. Mesmo trabalhando essa perspectiva crítica por parte de alguns educadores do quadro docente, essa instituição de ensino superior que

possui uma estrutura bastante tradicional ainda não reflete o potencial da diversidade:

[...] deveria buscar refletir a diversidade étnico-racial e de gênero dos seus colaboradores, especialmente dos que ocupam postos de comando que [...] é majoritariamente branco e masculino. Essa questão não é menor já que, se estamos falando de cultura empreendedora, a representatividade institucional deve ser acolhedora e convidativa em diversos aspectos (MELLO; PISCHETOLA, 2019).

Um caminho que busco construir nessa pesquisa sobre educação empreendedora é o da tentativa do equilíbrio e diálogo entre as dualidades acerca do tema, e isso se reflete no referencial. Essa postura nada tem a ver com neutralidade (ou uma posição em cima do muro), mas é a forma que consigo enxergar esse fenômeno. Compreendo os diversos motivos pelos quais alguns autores fazem uma leitura bastante negativa do ensino do empreendedorismo, como Coan (2011), por exemplo, cita a formação de um perfil profissional para atender às necessidades do grande capital de mercado, a responsabilização exclusiva do indivíduo pelo seu sucesso e/ou fracasso, o estímulo à competitividade, às relações flexíveis de trabalho e a empresarialidade do trabalhador (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011), entre outras. Por outro lado, compreendo também que iniciativas empreendedoras foram capazes de modificar positivamente muitas realidades e promover inovações e acessos, quando executadas de forma responsável e sustentável (e não estou falando somente sobre emprego e renda). Exatamente este aspecto aqui me interessa. Se há empreendedores que geram impacto social positivo com suas iniciativas, entendo que o assunto deveria ser trabalhado na base de formação desses estudantes. Faço esse registro aqui para deixar claro que, na presente pesquisa, procurei não demonizar essa educação, mas também não defendi o empreendedorismo como panaceia social, como muitos defensores da temática o fazem.

Portanto, a partir dessas discussões sobre os objetivos da educação empreendedora e o empreendedorismo social, surge o interesse na construção desse trabalho, no qual, diante do cenário de agravamento de crises devido à pandemia da COVID-19, desejo compreender e responder às seguintes indagações: como, em um contexto brasileiro de pandemia, a educação empreendedora busca construir um conhecimento reflexivo e propositivo acerca do papel do empreendedor na sociedade, e de que forma uma educação crítica pode contribuir com esse processo?

## 1.2 Objetivo final

Meu objetivo com este trabalho é compreender como, em um contexto brasileiro de pandemia, a educação empreendedora busca construir um conhecimento reflexivo e propositivo acerca do papel do empreendedor na sociedade, e de que forma uma educação crítica pode contribuir com esse processo.

## 1.3 Objetivos Intermediários

É importante destacar aqui a importância da trajetória e do processo de construção dessa pesquisa, muito mais que somente a busca pelo atingimento do objetivo final. Digo isso, pois trazer a discussão da educação a partir de uma perspectiva empreendedora em um momento de pandemia requer de mim, enquanto pesquisador, uma atenção metodológica e muita sensibilidade no campo para que se torne possível perceber as nuances e particularidades dos atores envolvidos nesse processo que, no meu caso, envolve uma universidade localizada na zona sul do Rio de Janeiro, reconhecidamente empreendedora, as docentes da disciplina de Atitude Empreendedora e seus alunos e alunas, e a mim, já que o mestrado se trata de um grande mergulho nas minhas inquietações enquanto cidadão e profissional da área do empreendedorismo.

Assim, para que fosse possível atingir o objetivo final, foram definidos os seguintes objetivos intermediários:

- ✓ Compreender como as discussões e temáticas trazidas pelos docentes e estudantes na disciplina Atitude Empreendedora dialogam com as realidades sociais brasileiras;
- ✓ Compreender como uma educação crítica pode contribuir para que educação empreendedora possa estreitar os vínculos entre a prática e a atuação do empreendedor com as realidades sociais brasileiras.

## 1.4 Motivação e Relevância do Estudo

A motivação para a construção deste estudo surge pela necessidade que foi se desenhando ao longo do meu caminho empreendedor e acadêmico, no qual considero que seria necessário questionar o modelo e compreender de maneira crítica o projeto que pode estar por trás do ensino do empreendedorismo para jovens nas universidades. A proposta da educação empreendedora pode ser entendida como peça chave de um projeto neoliberal de responsabilização exclusiva do jovem sobre seu eventual fracasso (SOUZA, 2006).

Quando tomei a decisão de pesquisar o ensino do empreendedorismo, no primeiro momento estava com meu olhar voltado para a educação básica. No entanto, logo teve início o processo de isolamento social, no qual as escolas tiveram que se adaptar para o ensino *online*, o que dificultaria bastante o desenvolvimento da pesquisa. Nesse mesmo momento, eu estava fazendo estágio em docência na disciplina chamada Atitude Empreendedora, do domínio adicional de empreendedorismo de uma importante universidade, cujo objetivo é contribuir para o desenvolvimento de um perfil empreendedor nos jovens da graduação que desejem obter essa certificação. Com isso, surgiu a possibilidade de direcionar minha pesquisa para a educação empreendedora no ensino superior, em um contexto específico devido à pandemia da COVID-19. A ideia seria aproveitar a oportunidade dessa observação participante que estava vivenciando e recortar essa experiência, dialogando com a teoria, com objetivo de compreender melhor em que medida, em um contexto brasileiro de pandemia (e de desafio às premissas empreendedoras mais usuais), o ensino de empreendedorismo (re)constrói um conhecimento reflexivo acerca do perfil empreendedor, contribuindo para um processo de formação de indivíduos agentes sociais de mudança.

Admito aqui que essa questão de pesquisa já passou por mudanças e se encontra em constante ajuste. Afinal, essa pandemia trouxe ainda mais instabilidade, escancarando uma realidade extremamente conturbada e desigual. Por isso, esse meu objetivo de recortar e analisar essa realidade em um contexto de educação é um desafio, uma vez que a mesma está à frente do que somos capazes de elaborar sobre ela (SANTOS, 2020). Por outro lado, vislumbrei como uma excelente oportunidade essa pesquisa já que passamos

por um momento de reconhecimento do capitalismo, colonialismo e patriarcado, os três unicórnios, conforme relembra Santos (2020), citando Leonardo Da Vinci.

Dessa forma, compreender, a partir de uma vivência prática de educação nesse contexto, trazendo luz às premissas e objetivos da educação empreendedora pode esclarecer alguns pontos, e espero possibilitar um repensar desse ensino – um sonho. Não há um caminho mais correto para a educação. Pelo menos, espero que o leitor seja provocado a uma reflexão mais crítica acerca do ensino do empreendedorismo a partir da perspectiva trazida pela pesquisa.

O momento de pandemia é propício para mudanças e a discussão sobre o novo normal traz à tona o fato de que não será possível estabelecer uma expectativa de melhoria futura pautada em modelos empresariais que ignorem diretrizes sociais e ambientais, ou que estabeleça o princípio de mercado frente à comunidade, permanecendo a economia baseada na maximização do lucro pessoal (YUNUS, 2020).

Para Santos (2020, p. 31-32),

A nova articulação pressupõe uma viragem epistemológica, cultural e ideológica que sustente as soluções políticas, económicas e sociais que garantam a continuidade da vida humana digna no planeta. Essa viragem tem múltiplas implicações. A primeira consiste em criar um novo senso comum, a ideia simples e evidente de que sobretudo nos últimos quarenta anos vivemos em quarentena, na quarentena política, cultural e ideológica de um capitalismo fechado sobre si próprio e a das discriminações raciais e sexuais sem as quais ele não pode subsistir. A quarentena provocada pela pandemia é afinal uma quarentena dentro de outra quarentena. Superaremos a quarentena do capitalismo quando formos capazes de imaginar o planeta como a nossa casa comum e a Natureza como a nossa mãe originária a quem devemos amor e respeito. Ela não nos pertence. Nós é que lhe pertencemos. Quando superarmos esta quarentena, estaremos mais livres das quarentenas provocadas por pandemias.

Para que haja essa virada nos modelos empresariais, acredito na educação como caminho, pois os jovens que pretendem empreender precisam fazer de forma diferente, desde a base, partindo das premissas e valores estruturais do negócio e sua relação com a sociedade. Nessa relação com a comunidade, é fundamental sermos transparentes com nós mesmos sobre os aspectos mais nocivos do nosso eu, como os nossos preconceitos – essas questões afetam todos nós (ELLIS; BOCHNER, 2000), para sermos transparentes com os outros. É a partir dessa abertura e vulnerabilidade que nos tornamos capazes de aprender e reconstruir nossas práticas e discursos abandonando nossas resistências.

Será realmente relevante essa discussão para o avançar acadêmico e social da educação empreendedora? Esse questionamento não larga meu fazer

pesquisa e, nesses momentos, resgato Allwright (2000) na discussão sobre progresso, na qual defende a natureza contextualizada e não cumulativa da pesquisa, ou seja, um trabalho desenvolvido em uma circunstância específica, que busca compreender um determinado contexto, não necessariamente responderá ou contribuirá para questões no futuro em um novo cenário. Portanto, é importante também analisar trabalhos antigos, buscando compreender a relevância dos mesmos para aquele determinado momento de produção. O meu está para o aqui, agora, considerando esse contexto por mim vivenciado.

Em termos acadêmicos, as temáticas da educação empreendedora e do empreendedorismo social, trazidas por essa pesquisa para discussão e diálogo, estão entre os 10 temas mais promissores apontados na revisão de literatura apresentada por Lopes e Lima (2019) como desafios e caminhos a serem melhor explorados pela pesquisa em empreendedorismo.

Somada a essa perspectiva acadêmica, temos o contexto de crise que estamos vivenciando no momento, devido à pandemia, no qual as premissas empreendedoras ensinadas nas universidades, baseadas na prática e discurso individual capitalista, estão sendo questionadas.

É necessário questionar o modelo e compreender de maneira crítica o projeto que pode estar por trás do ensino do empreendedorismo para jovens nas universidades. A proposta da educação empreendedora pode ser entendida como peça chave de um projeto neoliberal de responsabilização exclusiva do jovem sobre seu “eventual fracasso” (SOUZA, 2006). Deve-se questionar se a proposta de desenvolvimento do jovem empreendedor, a partir de escolhas temáticas e práticas no ambiente de ensino, não corrobora para a formação de um perfil de trabalhador dócil e conformado com relações flexíveis de trabalho, que servirá aos interesses das grandes empresas de mercado, que buscam profissionais com competências empreendedoras, como a criatividade, que a educação empreendedora busca desenvolver.

Assim como Souza (2006), defendo que é necessária uma reflexão aprofundada sobre os objetivos, as práticas e o discurso adotado no ensino do empreendedorismo pelas instituições, para que a educação formal desses jovens não se coloque como um instrumento de preparação desses estudantes para um mercado de trabalho precarizado, e sim como indivíduos agentes de mudança, com compromisso social e autonomia intelectual para compreender os caminhos e fazer escolhas profissionais conscientes.

O que esse estudo não pretende fazer é ignorar o lado perverso do empreendedorismo, como a grande parte das pesquisas tradicionais sobre o tema escolhem fazer (RINDOVA; BARRY; KETCHEN, 2009). O caminho aqui é reconhecer os aspectos potencialmente destrutivos e exploradores do fenômeno para, a partir disso, dialogar com a educação empreendedora, compreendendo seu papel no desenvolvimento e formação de indivíduos dispostos a recriar seus mundos.

Em termos sociais, não acredito que a mudança voluntária acontecerá no tempo e velocidade que a nossa sociedade e planeta necessitam; por isso, precisamos influenciar a essa mudança nas regras do jogo e institucionalizar uma nova forma de educar para o empreendedorismo, com objetivo de promover o desenvolvimento sustentável.

## 2

## Referencial teórico

### 2.1.

### Empreendedorismo

Empreendedorismo hoje é vírgula quando se trata de negócios, carreira e, conseqüentemente, de educação. O termo que antes tinha uma relação direta com os campos da administração e economia na discussão sobre criação de negócios, agora invade outras áreas e é usado como base na construção do projeto de vida do indivíduo para uma proposta específica de desenvolvimento econômico e social (SAES; MARCOVITCH, 2020).

Mas qual seria a definição para o empreendedorismo? Segundo diversos pesquisadores, por mais que alguns estudos apresentem um foco específico sobre a discussão, seja no indivíduo ou no processo de criação de empresas, definir este fenômeno de forma universal seria ignorar toda sua complexidade e limitar a discussão (JR PAIVA; ALMEIDA; GUERRA, 2008).

Segundo Venkataraman (1997), o campo de estudo de empreendedorismo teve início com objetivo de compreender por quem e como são descobertas novas oportunidades que culminam na criação e exploração de novos produtos e serviços.

Uma visão mais ampliada pode entender o empreendedorismo como um fenômeno que vai além da simples criação de um negócio. Trata-se de um processo dinâmico composto de uma visão diferenciada, capacidade criativa e foco na mudança, somado a muita energia e paixão do indivíduo empreendedor, que culminarão em soluções e ideias criativas para problemas e oportunidades de diferentes naturezas (KURATKO, 2005; KURATKO; HODGETTS, 2004).

É importante relacionar o empreendedorismo à atitude de inquietação, ousadia e proatividade do indivíduo em relação à sociedade. O empreendedor alinha desenvolvimento pessoal e coletivo através de um comportamento de intervenção no meio em que está inserido, com o objetivo de investigar e

solucionar problemas de forma inovadora (LIBERATO, 2007). Por sua vez, a Comissão Europeia (EACEA, 2012, p. 5) define o termo como “a capacidade de um indivíduo transformar ideias em ações, que para além do desenvolvimento socioeconómico, é de grande relevância ao nível da participação cívica”.

Para entender empreendedorismo, é preciso apresentar o protagonista desse processo: o empreendedor. Com base em muitas discussões e estudos anteriores, Gilmore (2010) define empreendedor como alguém que oferece uma solução de carácter inovador a um problema relevante do mercado. Outra definição o coloca como um agente de mudança, alguém que não busca aperfeiçoar ou otimizar as formas existentes de ação, e sim que desenvolve novos métodos e mercados, propondo novas forma de fazer as coisas (STOKES, 2000). Alguém que sonha e é capaz de desenhar novas propostas de contextos (DOLABELA, 2004; DOLABELA; FILION, 2013).

Não é somente uma questão de ter ideias, como também reconhecer boas oportunidades e rentabilizá-las através de ofertas de qualidade (GILMORE; CARSON, 2018). Para muitos autores, a resposta para compreender um pouco melhor o processo pode estar em um conjunto de habilidades, aptidões e percepções diferenciadas que geram uma capacidade de conexão entre uma oportunidade e um conhecimento específico (VENKATARAMAN, 1997).

A massificação do termo e a recomendação do empreendedorismo como uma atitude estão ligadas ao entendimento de que a premissa capitalista de empresariar a vida, capaz de criar e aproveitar oportunidades, é o que gera desenvolvimento econômico e social às nações (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011). Como mostra Ogbor (2000), o conceito presente em grande parte das pesquisas acadêmicas sobre empreendedorismo apresenta traços de preconceito e discriminação, além de se mostrar tendencioso em relação à gênero, classe social e etnia na definição do perfil do empreendedor de sucesso, refletindo um mecanismo claro de manutenção do *status quo*. Estudos críticos como esse exemplificam como o crescimento da discussão sobre empreendedorismo tem sido acompanhado de pesquisas críticas a respeito de seu discurso e práticas dominantes, sugerindo novas investigações que explorem o fenômeno para além das suposições e ideias pré-concebidas, questionando como esse padrão de abordagem do empreendedorismo é idealizado na sociedade e seus efeitos.

Extrapolando a visão individualizada e comportamentalista do fenômeno para além da análise de perfil heroico do empreendedor, um componente a ser agregado é o aspecto relacional do processo e, com isso, uma abordagem mais

complexa e humanizadora do empreendedor e sua relação social, afinal não estamos tratando de um fenômeno isolado. Isso somaria aspectos afetivos e intersubjetivos à discussão do empreendedorismo, na qual seria possível emergir uma postura reflexiva desse “empreendedor humanizado” acerca da estrutura dominante, na tentativa de expandir os limites do discurso do empreendedorismo e inclusão de grupos marginalizados por essa discussão (JR PAIVA; ALMEIDA; GUERRA, 2008).

Minha tendência é compartilhar o entendimento do empreendedorismo em linha com Rindova, Barry e Ketchen (2009, p. 477), que o definem como “esforços para criar novos ambientes econômicos, sociais, institucionais e culturais por meio das ações de um indivíduo ou grupo de indivíduos”. Essa visão compreende o fenômeno como um processo de emancipação com grande potencial de provocar mudanças. Esses autores apresentam criticamente o foco restrito das pesquisas sobre o tema na geração de riquezas e, por isso, defendem uma ampliação do foco para uma perspectiva emancipatória, aprofundando a discussão a partir de três aspectos inerentes ao processo empreendedor: autonomia, autoria e discurso.

Para explicar melhor esse argumento dos autores, é importante compreender que essa perspectiva emancipatória não tem por objetivo negar a geração de riquezas, mas propõe uma mudança da discussão acerca do empreendedorismo com ênfase na criação de transformações a partir dos três aspectos citados. Sobre o primeiro aspecto, a autonomia, tratamos da meta da emancipação, ou seja, o processo de libertação do indivíduo das restrições de sua condição atual com potencial de rompimento do *status quo*, promovendo uma mudança na sua postura diante da ordem social ou da própria ordem social. Nesse processo de libertação é que surge o segundo aspecto, a autoria, fundamental nessa transição do indivíduo para tornar-se seu próprio autor. Portanto, trata-se de uma oportunidade de estabelecer uma nova forma (a sua forma, baseado no que você e/ou seu grupo acredita para o mundo) de fazer as coisas, além de suas relações e regras, diferentemente do que a própria literatura tende a enfatizar, que seria se adequar aos padrões vigentes com vistas a receber apoio e legitimidade das estruturas de poder e, com isso, aumentar as chances de sobrevivência e sucesso. Por fim, como terceiro aspecto, os autores destacam o discurso, reforçando a necessidade de a pesquisa em empreendedorismo dispor uma maior atenção aos atos discursivos e retóricos sobre a intencionalidade do projeto empreendedor na geração de

mudanças no *status quo*, para, com isso, se posicionar e facilitar a atração de parceiros interessados e apoio (RINDOVA; BARRY; KETCHEN, 2009).

É curioso pensar sobre o papel das empresas na sociedade. Um estudo feito por Clark (2005, p. 3) com alunos de uma turma interdisciplinar de um curso não tradicional de negócios, chamado *Fazendo a diferença pelo design*, mostrou que a maioria dos estudantes descreveu o papel das empresas na sociedade de uma perspectiva transacional (75%) e não transformacional (15%), ou seja, uma minoria interpreta que o objetivo dos negócios seja contribuir e trazer benefícios à sociedade.

Essa visão acaba sendo alimentada socialmente, inclusive pelo ensino de empreendedorismo, quando o mesmo direciona a discussão da educação empreendedora para uma análise míope de mapeamento de oportunidades a serem rentabilizadas, ignorando que a empresa interfere no ecossistema e, por isso, sua atuação deve ser pensada de forma mais complexa, como mostra a Constituição brasileira. Considerar geração de emprego e renda para seus colaboradores como a única visão de desenvolvimento social da empresa é não compreender a função social e seus princípios estabelecidos como dever da mesma pelo artigo 170 da Constituição Federal.

Art. 170. A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, observados os seguintes princípios:

- I - soberania nacional;
- II - propriedade privada;
- III - função social da propriedade;
- IV - livre concorrência;
- V - defesa do consumidor;
- VI - defesa do meio ambiente;
- VII - redução das desigualdades regionais e sociais;
- VIII - busca do pleno emprego;
- IX - tratamento favorecido para as empresas brasileiras de capital nacional de pequeno porte.

Parágrafo único. É assegurado a todos o livre exercício de qualquer atividade econômica, independentemente de autorização de órgãos públicos, salvo nos casos previstos em lei.

O empreendedorismo – e, por consequência, a criação de empresas – precisa ser pensado de forma responsável como um fenômeno socialmente construído. A figura do empreendedor não deveria ser vinculada ao *status* de mito que, com uma ideia brilhante, através de uma *startup*, cria um unicórnio e se torna milionário (SAES; MARCOVITCH, 2020). Não se trata de uma perspectiva individual por parte do empreendedor que busca a realização do seu sonho pessoal, mas sim de compreender seu papel como ator social que,

através de sua livre iniciativa, contribui para os princípios estabelecidos como função da iniciativa privada na Constituição Federal.

## **2.2. Educação Empreendedora**

O interesse em trazer a discussão sobre a educação empreendedora para este trabalho parte do entendimento de que a realidade apresentada pelas pesquisas neste campo demonstra uma grande limitação dessa educação à pedagogia tradicional, pouco reflexiva (ARAUJO; DAVEL, 2018), oriunda da administração e outras áreas com pouca fundamentação no campo educacional, portanto, propositalmente pouco crítica (COAN, 2011) e provavelmente com pouca capacidade de formar empreendedores que sejam propositivos em mudanças sociais positivas. Como observaram Oliveira e Muylder (2016), a educação empreendedora e o empreendedorismo como área de conhecimento ainda têm como base o perfil tradicional de negócios e ainda não possuem práticas pedagógicas efetivas que encaminhem os estudantes para a reflexão sobre sua inserção e papel social.

A educação empreendedora ganhou grande relevância em todo o mundo, seja para a academia, gestores de instituições de ensino superior, organizadores de cursos ou servidores públicos (KURATKO, 2005; RAUCH, 2012). No Brasil, vem ganhado espaço desde a primeira iniciativa, na década de 1980, no curso criado pela EAESP/FGV (DEGEN, 2008), com destaque para os últimos anos nos quais a discussão foi ampliada para além do ensino superior, sendo incluída na reforma do ensino básico, impulsionando o debate sobre quais diretrizes e práticas devem orientar esse ensino do empreendedorismo, que tem por objetivo estimular nos estudantes habilidades, comportamentos e atitudes visando uma formação mais completa para a vida e o mercado de trabalho (SAES; MARCOVITCH, 2020). Por mais que a prática, na maior parte das universidades, aponte uma ligação direta entre a educação empreendedora e a administração, considero relevante ressaltar, corroborando com o pensamento de Clark (2005), que habilidades empreendedoras e práticas visionárias de liderança de negócios não são menos importantes para outras diversas áreas e deveriam extrapolar o campo gerencial e de desenvolvimento de empresas.

Estudos experimentais sugerem que a educação empreendedora cumpre sua finalidade tendo influência direta nas atitudes e comportamentos dos alunos

em empreender, sendo mediados pela intenção empreendedora (RAUCH, 2012). Esta é uma visão que aparece para grande parte da academia; no entanto, existem pesquisadores que defendem o contrário, como, por exemplo, Aronsson (2004) que não acredita ser possível ensinar algumas características fundamentais, como lidar com medo, terror e riscos, no ensino do empreendedorismo dentro de uma sala de aula. O autor afirma, ainda, que as escolas de negócios, no geral, preparam muito bem os estudantes para servirem aos empresários, e não para se tornarem empreendedores. Com este último ponto, inclusive, concordo com ele.

Existem diferentes abordagens utilizadas para o ensino do empreendedorismo, no entanto, assim como Neck e Greene (2011), compreendo o ensino do empreendedorismo como um método. Entendo que ensinar empreendedorismo emerge da experiência prática, aliado ao estado reflexivo, contribuindo para que os estudantes compreendam, desenvolvam e pratiquem as habilidades necessárias para o empreendedorismo.

O ponto chave aqui é fazer depois aprender, ou melhor, aprender fazendo, ao contrário de teorizar e depois aplicar. Como no *designer*, a proposta é que o aprendiz empreendedor parta de um processo de “divergência e convergência que requer habilidades de observação, síntese, pesquisa e geração de alternativas, pensamento crítico, *feedback*, representação visual, criatividade, resolução de problemas e criação de valor” (NECK; GREENE, 2011, p. 63).

Assim como a abordagem reflexiva também é fundamental nesse processo de ensino e aprendizagem, desenvolver a reflexão a partir da prática empreendedora contribui para que os alunos possam revisitar e compreender a experiência vivida, seja ela de sucesso ou de fracasso, o que geralmente leva a um aprendizado mais aprofundado e à geração de ideias para serem testadas em um novo momento:

Dada a natureza do empreendedorismo como um ciclo contínuo de ação, aprendizado, teste e experimentação, o desenvolvimento de estudantes como empreendedores reflexivos requer reflexão sobre a prática e reflexão sobre a prática como parte de um portfólio de pedagogia (NECK; GREENE, 2011, p. 66).

Neste portfólio pedagógico, podemos pensar em jogos e simulações, projetos e principalmente na criação de negócios associada à reflexão que potencializará o aprendizado e a possibilidade de construção de uma visão de mundo e de oportunidades a partir de uma perspectiva real. Neste ponto,

acrescento a importância da prática do olhar e observar sensível que possibilita ao aluno perceber lacunas e dialogar com os sujeitos para uma efetiva contribuição social a partir de sua ação empreendedora.

Uma proposição para o desenvolvimento de um modelo de aprendizagem empreendedora seria colocar o aprendiz para seguir o cotidiano de empreendedores por um largo período de tempo, dividindo angústias, terrores, desafios e, após essa experiência, os indivíduos que não desistirem durante o processo, decidirem que caminho seguir (ARONSSON, 2004).

Diversas são as possibilidades e propostas de metodologias e práticas didático-pedagógicas apresentadas por diferentes autores na educação empreendedora, sejam elas dinâmicas vivenciais, interativas, cooperativas, seja por meio de projeto, resolução de problemas e casos experienciais (SCHAEFER; MINELLO, 2016). No entanto, o intuito deste trabalho não é de discutir esses métodos, e sim compreender na prática de que forma o ensino do empreendedorismo promove o desenvolvimento de indivíduos que se tornam capazes de ser agentes do desenvolvimento social e, portanto, ter um papel importante na redefinição do contexto, como sugere Filion (1989 *apud* DOLABELA; FILION, 2013).

Dolabela (2004), em sua “Pedagogia Empreendedora”, apresenta de forma sistêmica um método de ensino do empreendedorismo a partir da construção de sonhos que parte de uma perspectiva individual de desejos e aspirações do indivíduo, mas que só se suporta e justifica na perspectiva e valores coletivos ao contribuir para a qualidade de vida da sociedade, para além da atividade econômica e realização do lucro pessoal.

De forma bem geral, podemos dividir a pesquisa em educação empreendedora em dois grandes diferentes contextos, mas que partem para o mesmo objetivo final de desenvolvimento econômico da nação. Na perspectiva internacional, o foco está na compreensão do ensino do empreendedorismo como processo linear, de caráter competitivo de estímulo à criação de empresas inovadoras. E, na perspectiva nacional, os estudos da educação empreendedora apresentam diferentes metodologias e práticas abordadas nos ambientes de ensino (ARAUJO; DAVEL, 2018). Um aspecto interessante avaliado também pelos autores é a carência, por parte desse ensino, de um embasamento maior e mais aprofundado no campo da educação.

Do ponto de vista das características empreendedoras, a literatura apresenta diferentes visões sobre o perfil empreendedor de sucesso que é identificado por um conjunto de atributos que convergem nas pesquisas

nacionais e internacionais, como, por exemplo: liderança, adaptabilidade, capacidade de planejamento, criatividade, entre outros. Lembrando aqui que esse perfil muda, a depender das necessidades trazidas para o profissional desejado pelo mercado no contexto atual (ALMEIDA; CORDEIRO; SILVA, 2018).

Nesta pesquisa, a proposta é compreender se, de fato, como defende Andrade (2005 *apud* MOREIRA; ALVES; SILVA, 2016), a educação para o empreendedorismo contribui para o desenvolvimento da autonomia de pensamento, iniciativa e ação para empreender de forma consciente, inovadora e criativa na vida do estudante, como também na transformação da sociedade em que vive, fortalecendo, com isso, o exercício da cidadania plena, comprometida e responsável.

### **2.3. Paulo Freire e Educação Crítica**

A escolha de trazer Paulo Freire para esse estudo, dialogando com o empreendedorismo, em primeiro lugar, está vinculada à minha crença esperançosa de que mudar a realidade é possível mesmo que esse seja um processo longo e não tão simples. Em segundo lugar, considero o momento mais que oportuno para discutir sua obra, destacando sua pertinência e atualidade de seus conceitos, e sugerir uma reflexão sobre o que esse educador propunha para a educação na década de 1960, quando foi calado pelo golpe militar com a justificativa de que se tratava de um movimento comunista. Apesar de já terem passado mais de 60 anos, assistimos a um discurso semelhante atualmente, reforçado pelo nosso chefe de estado atual e outros políticos conservadores que o apoiam e insistem em tentar “cancelar” Paulo Freire, deslegitimando todo seu legado através de um discurso tão fraco e ultrapassado quanto o anterior, de ameaça comunista.

Por último, em terceiro lugar, esse caminho referencial celebra os 100 anos que o educador completaria em setembro de 2021 se estivesse vivo e está baseado em toda sua experiência acadêmica e prática, com o seu trabalho dedicado à construção de uma visão de educação problematizadora como princípio formativo. Uma proposta na qual os indivíduos são agentes do seu próprio conhecimento a partir de uma abordagem crítica, política e social do processo para uma educação com vistas à transformação social. O objetivo dessa educação não é fomentar a adaptação do educando à sociedade, mas sim

o seu potencial de transformação (FREIRE, 2013), desenvolvendo a soma de pensamento crítico sobre a realidade e intervenção crítica na mesma (PACHECO et al., 2006), ou seja, é sobre teoria e prática, no intuito de minimizar a distância entre uma e outra, mantendo a coerência (FREIRE, 2011).

Com base em Freire (1993) e Ilhéu (2020), faço aqui uma breve apresentação de Paulo Freire, educador brasileiro engajado na transformação social, falecido em 1997, mas que deixou um grande legado com seus textos, livros, pensamentos e prática, não só no Brasil, mas em diversos países do mundo. Natural de Recife, Pernambuco, Freire se dedicou aos estudos da linguagem do povo e, a partir de seu trabalho na universidade de Recife e seu envolvimento com o Movimento de Cultura Popular da cidade, elaborou um método de alfabetização que aplicou pela primeira vez com um grupo de 300 trabalhadores no estado do Rio Grande do Norte.

Esse processo aconteceu no início da década de 1960 e durou 45 dias. Ao fim do mesmo, todos os trabalhadores estavam alfabetizados; no entanto, o trabalho do educador foi interrompido pelo golpe militar. Inclusive, essa experiência com esse método de educação, a partir da realidade, vida cotidiana e vocabulário desses trabalhadores, inspirou o Plano Nacional de Alfabetização, que também foi arquivado pelos militares em 1964 e nunca mais retomado. Acusado de comunista, ficou exilado por 16 anos e, nesse período, levou sua prática, seus estudos e pensamentos para alguns países, como Chile, Suíça, Guiné-Bissau, Tanzânia, Nicarágua, Peru, entre outros.

No retorno ao Brasil, foi professor da PUC-SP e Unicamp, além de ter sido secretário de educação da prefeitura de São Paulo entre 1989 e 1991 (FREIRE, 1993). Ainda hoje, diversos centros de estudos se dedicam à análise e aplicação da obra de Freire e, por mais que alguns pesquisadores critiquem aspectos de sua obra, não deixam de reconhecer sua relevância para o campo da educação e o ensinamento deixado sobre o respeito nas relações e no processo de ensino e aprendizagem (ILHÉU, 2020).

Apesar de algumas de suas obras já terem completado meio século, a abordagem trazida por Freire e sua perspectiva em relação à educação ainda é muito atual, avançada para muitas realidades, reconhecida e que inspira e orienta educadores mundialmente. Mesmo tendo seu foco de atuação na discussão sobre processos de alfabetização e educação popular, é interessante perceber como a abordagem do autor é mais ampla e propõe uma visão política sobre a educação (PACHECO et al., 2006). Portanto, não vejo como uma simples escolha incluir o educador Paulo Freire neste referencial, mas sim como

um compromisso pessoal enquanto um pesquisador cidadão, que está debruçado neste trabalho influenciado por todo o cenário que vivemos atualmente de grave crise social, econômica, política e sanitária, com o período de pandemia, que traz à tona de forma ainda mais clara toda desigualdade e consequências dos modelos de exclusão que vivemos e alimentamos.

Como Freire, defendo que educar é um ato político; portanto, discutir a educação empreendedora e seus objetivos também é. Por mais que muitos educadores e algumas pessoas queiram despolitizar a educação, entendo que esse movimento reflete uma escolha política de manter a educação a serviço das classes dominantes, favorecendo o *status quo* e não a conscientização em relação à ordem social.

O processo de educação está intimamente ligado à conscientização. Na pedagogia crítica de Freire, a educação como prática da liberdade se baseia no processo de tomada de consciência por parte do indivíduo que promoverá uma compreensão crítica da realidade que o circunda e, dessa forma, o engajará no processo de transformação social. Essa perspectiva da educação conscientizadora, como fator de mudança, contrapõe uma outra visão tradicional do processo de ensino que domestica os indivíduos pelo interesse da estrutura dominante em manter seus privilégios (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007). Trata-se de um posicionamento, sem qualquer neutralidade, entre duas vertentes antagônicas: uma educação para a domesticação, alienante, e uma educação para a liberdade, ou seja, educação para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito (FREIRE, 2002).

Para o autor, se abster ou se colocar neutro diante da exploração que fere o que é do caráter humano é concordar com séculos de dominação e de colonialismo. Portanto, é através da educação que se torna possível, aos poucos, mas de forma estrutural, modificar todo esse legado opressor que a sociedade carrega. A educação para a liberdade argumentada por Freire tem por objetivo recuperar a noção do homem/mulher sujeito, e não objeto, que se integra ao contexto social e, com isso, ajustado à sua realidade se torna capaz de transformá-la. Quando esse processo não almeja e dialoga com a liberdade, o indivíduo, na posição passiva de objeto, vive um processo semelhante ao adestramento, da educação bancária, que transfere o saber do educador para o educando. Dessa forma, não seria possível construir o processo de conscientização e problematização do mundo visando uma educação transformadora.

Na educação problematizadora de Freire, o conhecimento não resulta da passividade, tampouco é estático. Trata-se de um processo de constante redesenho que serve, em primeiro lugar, para que a mulher e o homem conheçam a si mesmo e ao mundo e para promover o bem comum. O autoconhecimento é fundamental nessa educação, pois é a partir dele que se abre caminho para uma percepção aprofundada sobre si e os fatos através da reflexão crítica, seguida de uma ação também crítica que impulsiona/possibilita a transformação do sujeito e, conseqüentemente, uma reconstrução do contexto. Mas essa transformação não se dá somente de maneira individual, ela é coletiva, assim como o processo de educação deve ser interativo (PITANO, 2017), constituído em uma relação horizontal e dialógica na relação com o outro, seja educador e/ou educando. O que na visão do autor permite a contestação, através da problematização do que está dado na sua condição pessoal e na sociedade, o rompimento com uma tradição autoritária a caminho da conscientização social e política que conduz o reconhecimento desse sujeito à práxis libertadora.

Para que essa educação de base crítica seja possível, é fundamental a utopia como alicerce na construção do projeto de mudança. Freire relembra que essa utopia não se confunde aqui com devaneios, ilusões e/ou sonhos infundados. Trata-se de sonho com contexto histórico-político-econômico-social para o qual se luta, principalmente contra as injustiças postas pelo sistema como naturais, fatalistas às condições da realidade da vida humana que desproblematicam o presente e o futuro. Como defende o educador, “O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo” (FREIRE, 2000, p. 27). Não se trata apenas de reconhecimento da situação. Mas essa etapa é fundamental para a compreensão mais complexa acerca da nossa presença no mundo e avançar no nosso processo de intervenção enquanto sujeitos. Afinal, não é viável educar para a democracia sem esperança (FREIRE, 2014), somada à avaliação crítica e aprofundada em relação ao sentido real e propósito por trás das ações, escolhas e realidades apresentadas para a sociedade como as únicas possíveis (FREIRE, 2000).

Hooks (2017), educadora, escritora, teórica feminista, ativista social estadunidense, atravessada por Paulo Freire e, por meio da sua experiência prática enquanto educadora feminista crítica, acrescenta a discussão sobre multiculturalismo ao debate da educação, destacando o esforço da estrutura dominante e tradicional nas universidades em espalhar desinformação negando a existência do racismo, da misoginia e da homofobia com vistas a enfraquecer

movimentos que promovem a diversidade no espaço acadêmico e suportar a manutenção da supremacia branca, sexista, imperialista que inibem o poder libertador da educação. A autora, inspirada em Martin Luther King, defende a necessidade de uma verdadeira revolução de valores sociais que sejam orientados às pessoas e não às coisas, como prega o capitalismo neoliberal, e que passa obrigatoriamente pela transformação das instituições educacionais, portanto do educador e, como consequência, da sociedade, em sua maneira de viver, ensinar e trabalhar (HOOKS, 2017).

Aprofundando a discussão sobre a perspectiva do multiculturalismo no espaço educacional, Hooks (2017) relembra que nenhuma educação é politicamente neutra, seja nas escolhas mais simples ou complexas. Quando um educador ou educadora escolhe suas referências, textos e obras escritas por homens brancos para serem discutidos em sala de aula, trata-se de uma decisão política. Reparar isso não é simplesmente adotar, por exemplo, uma autora mulher negra em caráter pro forma. Para mudar primeiro é preciso reconhecer essas preferências, a perspectiva histórico-social dos conhecimentos curriculares e questionar suas afirmações de conhecimento, reconhecidas como universais (CANDAU, 2008), compreendendo que há uma cumplicidade na aceitação e perpetuação dos tipos de parcialidade e preconceito.

Como defende Candau (2008), é fundamental repensar nossas escolhas enquanto educadores, nossos modos de construir os currículos, inclusive as categorias de análises de produção dos estudantes e trazer à tona para a sala de aula, seja ela diversa ou não, referências de diferentes universos culturais. Incorporar a discussão sobre consciência de gênero, raça e classe social através de um diálogo coletivo que gere reflexões. Muitos educadores podem se incomodar e até se sentirem inseguros com o processo, pois este desmonta um lugar ilusório de segurança e controle da autoridade do conhecimento, uma vez que provoca sentimentos e toca em questões individuais das pessoas do grupo, possibilitando um contexto de “livre expressão”, essência de uma educação libertadora. Não se trata de um desafio apenas para os professores, mas também para os estudantes que passam por essa construção de um olhar crítico do mundo. Tudo muda e essa mudança envolve dor e desconforto nesse abandono de velhas formas de pensar, saber e agir e no redescobrir novas formas. Reconhecer e acolher esse estado de vulnerabilidade pode ser transformador (ELLIS; BOCHNER, 2000) para alunos, educadores, pesquisadores – seres humanos – e seria o ponto de partida para sua (re)construção que poderá instigar a transformação.

Propondo o diálogo com o ensino do empreendedorismo, Bastos e Ribeiro (2017) e Pacheco et al. (2006) destacam de que forma a pedagogia empreendedora de Dolabela (2004) se aproxima da pedagogia crítica de Paulo Freire quando apresenta o sonho como um elemento fundamental no caminho de construção da educação empreendedora, com propósito de desenvolvimento e transformação social daqueles indivíduos envolvidos no processo – educandos, familiares e comunidade. Já Freire chama de utopia o elemento propulsor desse processo. Ambos acreditam na educação como caminho para a mudança social e desenvolvimento territorial, que só é viável a partir da emancipação das pessoas por meio de uma construção dialógica, na qual educadores e educandos aprendem e ensinam, combinando teoria e prática, e não existe uma figura de um detentor de conhecimento que transfere e/ou deposita seu saber na outra parte.

Por fim, destaco aqui que a proposta de trazer a educação crítica de Paulo Freire para o diálogo com o empreendedorismo nesse estudo não é pioneira. Portanto, esse trabalho tem o propósito de colaborar com outros pesquisadores e pesquisadoras que estabeleceram relações entre a discussão de mudança e transformação social e o ensino de empreendedorismo (BASTOS; FERREIRA RIBEIRO, 2017; PACHECO et al., 2006), que analisaram as nuances alienantes do discurso empreendedor em contraponto à pedagogia libertadora de Freire (CARMO et al., 2018), que destacaram o antagonismo entre a lógica individual da prática e o pensamento empreendedor frente à visão coletiva do educador (SABINO, 2010) e que apresentaram aproximações dessa perspectiva crítica à discussão e pesquisa sobre empreendedorismo social (NOVAES; GIL, 2009).

#### **2.4. Empreendedorismo Social e Negócios de Impacto**

Com o objetivo de completar esse referencial teórico, proponho aqui uma breve apresentação da discussão sobre empreendedorismo social e negócios de impacto, uma vez que acredito que este pode ser entendido como um caminho de aproximação e diálogo entre empreendedorismo e educação empreendedora com a educação crítica. Segregá-los enquanto temáticas pode ser uma escolha pensada pelo mercado e pela academia para esse ensino do empreendedorismo, mas juntá-los, como proponho aqui, também é um posicionamento político que pretendo discutir, agregando uma perspectiva que

busca construir propósito social para esse movimento de educação empreendedora na universidade, sobre o qual escolhi estudar.

A linguagem do empreendedorismo social pode ser nova, mas o fenômeno não é (DEES, 1998). A literatura no geral apresenta um conjunto de definições e entendimentos sobre este tipo de empreendedorismo. De um ponto de vista mais restrito, entende-se comumente – inclusive no discurso popular – que este tipo de empreendedorismo está relacionado exclusivamente a negócios e projetos sem fins lucrativos, mas isso não é uma regra (DEES, 1998). O fato é que este fenômeno definitivamente não deveria ser discutido a partir de sua natureza jurídica, mas sim a partir de seu propósito inovador de transformação com foco, não no lucro pessoal ou do acionista, em um dilema social e/ou ambiental, seja no formato de empresa com ou sem fins lucrativos ou no setor governamental (AUSTIN; STEVENSON; WEI-SKILLERN, 2012; DEES, 1998).

Inclusive, segundo Rindova et al. (2009), a distinção institucionalizada nas pesquisas entre o empreendedorismo regular/tradicional e o social pode ser vista como prejudicial por dissociar a proposta e intenção de mudança social dos resultados financeiros e, dessa forma, diminuindo valor e deslegitimando essas iniciativas sociais nas avaliações de mercado.

Do ponto de vista do perfil, a literatura converge para o entendimento de que o empreendedor social, enquanto um agente de mudança tende a apresentar competências e habilidades comuns aos demais empreendedores, tendo como principal diferença seu engajamento pessoal em causas ligadas ao bem-estar social (BITTENCOURT; BRUNSTEIN; MARTINS, 2016).

Pensando nos desdobramentos do campo, a discussão sobre negócios de impacto apresenta também algumas perspectivas acadêmicas que abordam o tema a partir de diferentes conceitos e nomenclaturas, são eles: negócios sociais, negócios inclusivos e negócios de impacto social (BARKI *et al.*, 2015).

Esse tema surge a partir da década de 2010, influenciado pela crise econômica de 2008, junto a outras temáticas – como capitalismo consciente, Sistema B, valor compartilhado – em um movimento no mundo dos negócios por busca de propósito e impacto positivo, influenciado por uma postura da sociedade mais atenta às ações das empresas e pela própria nova geração que entra no mercado de trabalho exigindo mais coerência nas atividades das organizações (BARKI; COMINI; TORRES, 2019).

Independente da nomenclatura utilizada, é preciso deixar claro o entendimento comum sobre o objetivo desses negócios em gerar um impacto social positivo, baseado em um modelo financeiramente sustentável. Destaco

aqui que, para essa visão de negócios, o lucro não é um problema, inclusive é importante que o resultado positivo exista e tenha expectativa de crescimento para que o impacto social e/ou ambiental possa ser retroalimentado na mesma proporção (MELLO et al., 2020). Segundo os autores, existem diferentes correntes de discussão e entendimento sobre o lucro. Isso se dá a partir da oferta de produtos, serviços e/ou da inclusão de determinados grupos e/ou indivíduos no modelo da organização, contribuindo diretamente para demandas relacionadas a problemas sociais, ou seja, a solução pode estar no que a organização produz, para quem ela produz e/ou como ela produz. A partir desse ponto em comum, diferentes autores apresentam certas particularidades na estruturação da organização, como, por exemplo, em relação à restrição ou não sobre a distribuição de lucros (PETRINI; SCHERER; BACK, 2016).

Gostaria de destacar aqui que a lógica dos negócios de impacto difere do modelo de responsabilidade social corporativa, uma vez que o impacto positivo é pensado na atividade principal da empresa, desde a estruturação, operação do negócio, e incluindo toda a cadeia produtiva e estratégia pensando a realidade local e o território. Não se trata de uma ação para fazer o bem, na tentativa de reparar os impactos negativos gerados pelo modelo não responsável da organização (MELLO *et al.*, 2020).

A abordagem dos negócios de impacto não tem e não deve ter o objetivo de assumir o papel do Estado como solucionador dos dilemas socioambientais, através das políticas públicas. O que está em questão nessa proposta é que a iniciativa privada revise seu paradigma e tenha um papel estratégico como um agente proativo, que pode somar aos esforços das políticas de governo no combate e diminuição de grandes problemas sociais e/ou ambientais. A proposta de fomento a iniciativas de empreendedores sociais é apresentada como uma força que age a favor da sociedade, diferentemente de grande parte das empresas privadas que possuem como objetivo final a maximização do lucro e satisfação das necessidades de um ou poucos indivíduos, identificados como sócios/acionistas da organização.

Também não quero defender, até porque não acredito, que todos devam ser empreendedores sociais ou que empresários em um movimento heroico, através dos negócios de impacto, resolverão todo e qualquer problema social e/ou ambiental. Mas entendo, sim, como Dees (1998), que os empreendedores sociais e/ou locais e de pequena escala, que buscam recriar suas realidades e se encontram muitas vezes fora do foco da pesquisa tradicional sobre empreendedorismo (RINDOVA; BARRY; KETCHEN, 2009), são fundamentais

nesse processo de regenerar a lógica atual do modelo capitalista em que estamos inseridos e, portanto, devem ser educados nessa filosofia para desenhar novos caminhos para o empreendedorismo e organizações mais inclusivas e sustentáveis (BARKI, 2015).

É necessário assumir que, ao lado dos acessos, avanços tecnológicos e confortos trazidos pela revolução industrial, aumento do consumo e o mercado global, apresenta-se também uma série de dilemas estruturais graves, como o aumento notório da desigualdade. Nós, enquanto sociedade, na ânsia por crescimento e inovação, nos tornamos cegos e/ou fizemos vistas grossas para as consequências nocivas das nossas ações sobre grupos menos favorecidos, degradação ambiental e distribuição desigual de oportunidades. As sementes desse modelo capitalista germinaram e não é mais possível ignorar. Se quisermos colaborar para a solução desses problemas, precisaremos redefinir a forma como falamos sobre negócios (FREEMAN; MARTIN; PARMAR, 2007).

O debate sobre negócios de impacto e o papel social das empresas está ganhando espaço e, como defendem Barki, Comini e Torres (2019), parece não se tratar de modismo, mas sim de uma tendência, assim como alguns temas de gestão no passado, como qualidade, produtividade, tecnologia, que até hoje não perderam relevância para as organizações. É inevitável trabalharmos para mudar as premissas de como se pensa a criação de valor por parte das organizações, principalmente por conta dos problemas ambientais crescentes e ampliação da desigualdade social em todo o mundo.

Uma proposta convergente apresentada por Freeman, Martin e Parmar (2007) em linha com essa perspectiva é a do Capitalismo das partes interessadas (*Stakeholder capitalism*), que está baseada em princípios de cooperação, justiça social, responsabilidade, excluindo premissas fundamentais do capitalismo que conhecemos como o interesse próprio e a competição com foco exclusivo na maximização do retorno dos acionistas, ou seja, apenas uma das partes interessadas no ecossistema das organizações. Esse é um exemplo de movimento convergente que contribui para mostrar que as temáticas dos negócios de impacto e empreendedorismo social não estão isoladas. Cada vez mais surgem iniciativas de projetos, estudos acadêmicos e negócios dessa natureza no Brasil e no mundo. Entretanto, o movimento ainda enfrenta alguns desafios, como

a maior inclusão na cadeia de valor de grandes empresas e governo; a maior escala dos negócios e de seus impactos; a atuação mais colaborativa entre primeiro, segundo e terceiro setores, a busca de melhores ferramentas para

avaliar e monitorar o impacto social das empresas e o maior protagonismo de populações minorizadas como a periferia e negros e negras (BARKI; COMINI; TORRES, 2019, p. 13).

Para o avanço da temática e resolução desses desafios, a expansão desse tema no ensino do empreendedorismo, na educação básica e superior, pode contribuir para que os jovens problematizem certos aspectos a respeito do mercado de trabalho, além da postura das empresas e empreendedores, e possam cobrar e propor mudanças nesse sentido. Como fio condutor desse processo de debate e estímulo ao empreendedorismo de impacto, destaco a importância de levar para a educação empreendedora e cidadã o debate dos 17 objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS). Estes compõem a agenda para 2030 aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2015, que objetiva alcançar três fins essenciais: acabar com a pobreza extrema; combater a desigualdade e a injustiça; encontrar soluções para proteger o meio ambiente (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021). Inclusive, esses objetivos já são hoje a base norteadora para a criação e desenvolvimento de negócios de impacto social, pois apontam as temáticas e ações prioritárias universais acordadas por 193 líderes mundiais:

A educação em geral, e o ensino superior em particular, estão entre as atividades sociais que mais contribuem para a melhoria do desenvolvimento dos países e da respectiva qualidade de vida e para a mudança de atitude das populações em relação a causas fundamentais. Em geral, populações com níveis de educação formal mais elevados são mais atentas aos desafios da sociedade contemporânea, mais proativas na tomada de decisões e na alterações de hábitos e modos de vida consolidados tornando-os mais alinhados com sociedades mais sustentáveis (PÔRTO JR., 2019, p. 14).

### 3 Metodologia

Para estruturar a linha metodológica dessa pesquisa, parto da compreensão de que não existe apenas uma única versão correta de representação da realidade, nem mesmo para a mesma pessoa, já que o contexto é um ingrediente fundamental no entendimento e análise do fenômeno a ser estudado. Eu, enquanto pesquisador, não acredito que exista uma realidade totalmente objetiva aguardando para ser desvendada, mas sim que os significados são construídos socialmente a partir da interação sujeito-objeto em um contexto específico, considerando suas particularidades (SACCOL, 2009). Assim como defendem Guba e Lincoln (2006, p. 185), estou convencido de que a “objetividade é uma quimera: uma criatura mitológica que nunca existiu, salvo na imaginação daqueles que acreditam que o conhecimento possa ser separado do conhecedor”.

Portanto, este trabalho está baseado no paradigma qualitativo, utilizando palavras como dados e com interesse na compreensão dos processos e significados e em como os participantes da pesquisa criam esses significados, ao invés da simples relação causa-efeito e de relatórios e mensuração de comportamentos. Essa escolha epistemológica reconhece que o pesquisador não é imparcial nessa construção e traz para a pesquisa sua subjetividade, deixando claras suas perspectivas, pontos de vista, valores, políticas e paixões (BRAUN; CLARKE, 2013). Além disso, compartilho da visão de que a pesquisa está ligada a uma capacidade de reflexão aprofundada sobre um fenômeno e busca questionar o que está dado, sobre a vida e o conhecimento, não aceitando as coisas do jeito que são. Na investigação qualitativa, esse processo reflexivo é parte fundamental na construção da pesquisa e oportuniza ao pesquisador uma reflexão crítica sobre o conhecimento construído e seu papel na produção desse conhecimento.

Como muito bem definem as autoras Braun e Clarke (2013), a pesquisa qualitativa nos ajuda a organizar e interpretar de alguma forma a bagunça que é

a vida real, a partir da perspectiva dos seus agentes. Diferentemente do que prega a pesquisa quantitativa, aqui não trabalhamos com uma verdade absoluta, mas acreditamos que a verdade, quando representada, assume diferentes faces, e a que vou apresentar aqui é apenas uma versão interpretada por mim, enquanto pesquisador atravessado por um contexto específico e uma perspectiva e experiência pessoal sobre os dados observados no campo. Mas isso não quer dizer que não seja científico, como alguns afirmam, uma vez que se trata de um processo empírico baseado em dados e a análise se apresenta de forma coerente e plausível, respeitando a metodologia escolhida para tal.

Desta forma, esta pesquisa buscou compreender como, em um contexto brasileiro de pandemia, a educação empreendedora busca construir um conhecimento reflexivo e propositivo acerca do papel do empreendedor na sociedade, e de que forma uma educação crítica pode contribuir com esse processo.

De forma a recortar (ainda mais) esse objetivo, optei por analisar a disciplina Atitude Empreendedora, uma das três disciplinas obrigatórias do domínio adicional de empreendedorismo da universidade escolhida, que trabalha conceitos básicos de empreendedorismo, propõe o desenvolvimento do perfil empreendedor nos estudantes e costuma ser cursada de forma eletiva, inclusive por alunos que se interessam pela temática, mas não desejam completar o domínio.

Como no semestre 2020.1 eu estava fazendo estágio em docência em uma das turmas de Atitude Empreendedora do domínio adicional de empreendedorismo, o processo de observação participante foi viabilizado, mesmo no cenário de isolamento devido à pandemia. Neste período, eu acumulei a função de assistente da disciplina e mestrando no exercício da dissertação, o que me caracteriza como um pesquisador praticante para esse estudo.

Ao longo do processo fui ganhando espaço e confiança da professora titular da turma que acompanhei, e certamente o cenário de mudança repentina para o ensino remoto, devido à política de isolamento social, estreitou nossa relação para a reconstrução de objetivos e práticas para a disciplina. Portanto, foi possível experimentar algumas ideias nessa interação com a turma. A própria aproximação com a turma foi conquistada aos poucos, devido às limitações do ambiente virtual e câmeras desligadas, mas, no fim, essa relação foi reforçada depois do papel de tutor que assumi na terceira parte do curso, orientando cada grupo no desenvolvimento de seus projetos. Esse lugar de observador e

praticante passa por um movimento de construção de vínculo e troca contínua, no qual, de acordo com Becker (1988:26 *apud* MILLER, 2001), “o observador faz parte do observado”, de modo que “o observador é mais do que parte do observado”, “o observador está moldando o observado da mesma forma que o observado está moldando o observador” e “eles estão entrelaçados”.

Nessa experiência enquanto assistente de disciplina e mestrando no exercício da dissertação, ou seja “pesquisador praticante”, é possível, além de observar e documentar a prática e aprendizados em “sala”, incorporar minhas próprias perspectivas, questões, dilemas e mudanças de visões durante essa vivência (COCHRAN-SMITH; LYTLE, 2009), possibilitando o diálogo com a teoria, reflexão e experimentação de novos processos e atividades com o grupo. Para compor com todo esse período de observação participante das aulas, ao final do semestre, também realizei algumas entrevistas com docentes e estudantes da disciplina.

No trabalho que apresento aqui, busco analisar todo esse material à luz da análise temática. Pontos que explicito melhor nos próximos itens.

### **3.1. Procedimentos e Instrumentos de Coleta de Dados**

Apresento aqui o recorte de pesquisa, que ficou dedicado à análise da disciplina Atitude Empreendedora, do domínio adicional de empreendedorismo de uma importante universidade localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, ministrada no semestre 2020.1. Esse recorte foi baseado no reconhecimento da cultura empreendedora dessa instituição de ensino superior e relevância dessa disciplina na grade do domínio adicional. Com intenção de enriquecer o estudo, contei com a colaboração de diferentes professoras e estudantes de três turmas do mesmo semestre de Atitude Empreendedora que apresentaram uma multiplicidade de perspectivas e apontamentos relevantes sobre o ensino do empreendedorismo.

Na condução da pesquisa utilizei e combinei intencionalmente diferentes técnicas para fazer o levantamento dos dados necessários para análise temática. De forma a sistematizar esses procedimentos, foi organizado o quadro metodológico abaixo:

<p><b>Objetivo Geral:</b> Compreender como, em um contexto brasileiro de pandemia, a educação empreendedora busca construir um conhecimento reflexivo e propositivo acerca do papel do empreendedor na sociedade, e de que forma uma educação crítica pode contribuir com esse processo.</p>	
Objetivos Intermediários	De que forma?
1. Compreender as discussões e temáticas trazidas pelos docentes e estudantes na disciplina Atitude Empreendedora e como dialogam com as realidades sociais brasileiras.	Mapear e analisar as discussões e as temáticas (Entrevistas + Observação participante) + analisar em que medida elas se aproximam das realidades sociais brasileiras/contexto de pandemia. Fontes documentais e fontes orais.
2. Compreender como uma educação crítica pode contribuir para que a educação empreendedora possa estreitar os vínculos entre a prática e a atuação do empreendedor com as realidades sociais brasileiras.	Analisar as temáticas da disciplina Atitude e Comportamento Empreendedor e destacar aproximações e afastamentos à luz da educação crítica. Fontes bibliográficas e fontes documentais.

Quadro 1 – Esquema Metodológico  
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

No primeiro momento me coloquei como observador participante de uma das turmas da disciplina de Atitude Empreendedora no período de 2020.1. Esse processo foi relativamente orgânico, já que comecei a acompanhar essa turma na função de estagiário docente e, em algumas semanas, logo após o início da pandemia da COVID-19, percebi que seria uma oportunidade trazer esse campo para minha pesquisa. Portanto, com a autorização da professora titular e com o consentimento da turma, incorporei mais um papel na minha função e pude enriquecer minha experiência enquanto testemunha naquele contexto, buscando o diálogo com a minhas inquietações de pesquisa.

É importante deixar claro que atravessávamos um momento bastante desconhecido de transição compulsória para as aulas virtuais devido ao agravamento da crise sanitária que acabava de começar a se expandir por todo o mundo. Por esse motivo, somente três encontros foram feitos presencialmente na universidade e os demais foram realizados virtualmente através da ferramenta *Zoom*, adotada como plataforma oficial de aulas pela IES. Além dos encontros com a turma, também realizei reuniões de planejamento com a docente titular, nas quais definíamos as atividades síncronas e assíncronas,

além da agenda de encontros com os estudantes. A abertura por parte da professora foi um diferencial nesse meu despertar enquanto observador participante, pois pude algumas vezes mediar e orientar algumas atividades nas aulas, o que facilitou a construção da minha relação mais próxima de troca com o grupo.

Além da observação participante, ao fim do semestre realizei entrevistas com duas docentes, também responsáveis pela disciplina, e nove alunos voluntários das três turmas que haviam cursado a disciplina Atitude Empreendedora no semestre 2020.1. Mande um *e-mail* ao final das aulas para todos os estudantes que cursaram a disciplina naquele semestre e realizei entrevistas de aproximadamente uma hora e 15 minutos de duração com todos os nove estudantes, que se voluntariaram também pela plataforma virtual *Zoom*, conforme características especificadas no quadro abaixo. Todas essas entrevistas foram gravadas com autorização dos participantes e transcritas para análise com objetivo exclusivo da presente pesquisa.

<b>Características dos Entrevistados</b>	
<b>Aluna(o)</b>	<b>sexo, curso de graduação e período</b>
1	Mulher, estudante do 8º período do curso de Comunicação Social
2	Mulher, estudante do 6º período do curso de Ciência da Computação
3	Mulher, estudante do 6º período do curso de Administração
4	Homem, estudante do 4º período do curso Engenharia de Produção
5	Homem, estudante do 9º período do curso de Design de Produto
6	Homem, estudante do 9º período do curso de Filosofia
7	Mulher, estudante do 10º período do curso de Comunicação Social
8	Mulher, estudante do 6º período do curso de Letras
9	Mulher, estudante do 6º período do curso de Engenharia Civil

Quadro 2 – Características dos Entrevistados

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Por fim, considerei outra fonte de dados para este estudo, que foram os documentos institucionais da disciplina, tais como o programa ementa, materiais utilizados para apresentação das aulas e atividades propostas durante as mesmas, grade horária de disciplinas, apresentação do curso, *site* com informações sobre o domínio adicional. Todos estes documentos foram

compartilhados comigo pela docente titular da disciplina e/ou estão disponíveis publicamente na *internet*.

A decisão de trabalhar com múltiplas fontes e com triangulação de dados – ou seja, combinação de diferentes fontes de dados para análise e construção desta pesquisa – visa o alcance de uma compreensão mais abrangente sobre o fenômeno estudado (DENZIN; LINCOLN, 2018). É como uma contação de histórias que agrega diferentes visões e narrativas do mesmo fato. A minha intenção aqui é propor um caminho de pesquisa mais fértil, que possibilite uma análise mais ampla sobre a educação empreendedora, combinando diferentes perspectivas sobre o mesmo objeto. Ressalto aqui que essa escolha não tem por objetivo buscar uma melhor validação e confiabilidade do estudo qualitativo, como defendeu Denzin na década de 1970, e ainda hoje defendem alguns autores em artigos recentes da Administração (ZAPPELLINI; FEUERSCHÜTTE, 2015). Acredito que, a partir de um fenômeno complexo, costurar fontes distintas de dados pode ajudar na ampliação da discussão, riqueza da análise e entendimento do mesmo, tanto pelo pesquisador quanto pelos leitores interessados no presente trabalho. Isso reflete um pouco do meu perfil enquanto pesquisador qualitativo, um “confeccionador de colchas”, que reúne pedaços da realidade simultaneamente no decorrer da construção da pesquisa, agrupando-os em um conjunto emocional significativo (DENZIN; LINCOLN, 2006).

### **3.2. Análise dos dados**

Para conduzir a pesquisa, o método qualitativo que escolhi utilizar foi a Análise Temática (AT), que tem por objetivo identificar, analisar, interpretar e relatar padrões temáticos de significado a partir do conjunto de dados gerados. A prática de codificação por temas é bastante comum nas pesquisas qualitativas, mas o fato de ser reconhecido como um método, com procedimentos claramente delineados para a pesquisa em ciências sociais, é recente e foi proposto por Braun e Clarke (2006) na área de psicologia. A Análise por temas é reconhecidamente um método bastante flexível e pode ser utilizado para auxiliar em diversos tipos de questões de pesquisa e na análise de quase todos os tipos de dados (BRAUN; CLARKE, 2013).

Trata-se de um método simples e abrangente, bastante utilizado por pesquisadores qualitativos iniciantes, o que não diminui seu potencial de

contribuição para a análise dos dados gerados (SOUZA, 2019). Outras vantagens destacadas da AT estão ligadas à facilidade de aprender e aplicá-la em uma pesquisa em andamento, como também à facilidade no entendimento da análise por parte do público geral, o que possibilita um alcance maior da pesquisa – sendo este aspecto de grande relevância para mim, que desejo que a discussão sobre a educação empreendedora possa romper os limites intelectuais e classistas da academia formal.

O método, segundo Souza (2019), apresenta uma orientação ampla e coerente para a condução da análise qualitativa em fases, mas não como um caminho linear ou rígido, e sim como um processo recursivo, de idas e vindas entre as fases, conforme necessário, com objetivo de refinar o estudo e a análise.

Na primeira fase trabalhei com a familiarização dos dados. Nesta etapa, resgatei minhas anotações de campo e todas as entrevistas feitas, aulas nas quais participei como observador e também todas as reuniões que realizei junto à docente titular da turma, nas quais planejávamos os encontros e atividades com os estudantes. Destaco aqui a importância de possuir acesso a todo esse material que foi gravado em formato de vídeo, uma vez que os encontros aconteceram de forma *online*, devido ao contexto de isolamento social. Durante esta fase, fiz destaques e comentários adicionais em todo material que contribuiriam para a minha pergunta de pesquisa e para a continuação do trabalho na fase seguinte.

Em seguida, na fase dois, iniciei a codificação de todo material já selecionado, agrupando trechos e ideias comuns levantadas nas entrevistas. Nesta etapa, o trabalho foi dedicado a reunir sistematicamente extratos relevantes desse material e gerar os primeiros códigos que identificassem esses destaques.

Na terceira etapa, trabalhei com o agrupamento desses códigos gerados, a partir dos extratos das entrevistas, em temas que representassem as ideias de forma mais ampla e que pudessem servir para a próxima etapa de análise. Destaco aqui que foram muitas reedições desta e da etapa anterior, pois a cada momento dessa sistematização, o contato de forma mais aprofundada com todo o material de campo colaborava para a revisão dos códigos iniciais e, por consequência, da organização das temáticas que representam as padronizações identificadas dentro do conjunto de dados, que me ajudaram na discussão sobre o tema central deste estudo e contribuíram para a construção da resposta à pergunta de pesquisa inicial.

Para nortear a discussão, estruturei um roteiro de entrevista semiestruturado baseado nos principais temas definidos a partir do referencial teórico e do processo de observação participante. Em relação aos estudantes, foram quatro grandes temas: Disciplina Atitude Empreendedora; Perfil Empreendedor; Educação Empreendedora; e Reflexão e Agente de Mudança (ver Anexo I). Em relação aos docentes, três grandes temas: Educação Empreendedora e Reflexão; Perfil empreendedor; e Contexto e Agente de Mudança (ver Anexo II).

Por fim, depois de diversas edições e reedições, para a análise dos dados levantados organizei o processo em dois grandes temas: (1) Ser Empreendedor; e (2) Ser um empreendedor Agente de Mudança. A partir destes, foram desdobrados outros subtemas que conduziram os aspectos mais relevantes evidenciados durante a interpretação dos dados da pesquisa.

## 4

# Análise e Interpretação dos Resultados

### 4.1

#### Educação Empreendedora e o domínio adicional Empreendedorismo

A escolha da universidade para o meu estudo foi baseada na sua reconhecida cultura empreendedora (MELLO; PISCHETOLA, 2019) e por dispor de uma coordenação de educação empreendedora e de um domínio adicional dedicado ao ensino do empreendedorismo, ofertado como uma titulação extra e transversal a qualquer estudante graduando da instituição. O objetivo não é trabalhar o empreendedorismo como atividade-fim, mas sim fomentar esse perfil empreendedor nos estudantes como forma de desenvolvimento e inserção profissional (Apresentação Institucional – site do domínio adicional de empreendedorismo da universidade pesquisada, 2021).

A criação, nos anos 1990, do domínio adicional nasceu da iniciativa de alguns professores que estavam pensando estratégias alternativas frente à crise de falta de empregos pela qual passava o mercado, para os alunos de engenharia. No primeiro momento, as disciplinas que buscavam desenvolver competências empreendedoras faziam parte exclusivamente dos cursos de engenharia, mas, a partir de 2001, passam a ser oferecidas a quaisquer graduandos da universidade.

Ao longo de sua história, as disciplinas de empreendedorismo foram oferecidas com diferentes conformações e denominações, como: Programa de Formação de Empreendedores, até 2001; Sequencial de Complementação de Estudos, de 2002 a 2006; e, desde 2006, Domínio Adicional de Empreendedorismo (MELLO; MARTINS; ZARDO, 2019). O Domínio Adicional foi baseado em uma proposta pedagógica inovadora da instituição, cujo objetivo é complementar a formação profissional dos estudantes da universidade. Ou seja, trata-se de uma modalidade complementar de estudos que permite a qualquer aluno, desde que cumpra os critérios mínimos de créditos e disciplinas obrigatórias dessa grade, obter um certificado de empreendedorismo agregado à

sua habilitação do curso de graduação (Apresentação Institucional – site do domínio adicional de empreendedorismo da universidade pesquisada, 2021).

Os principais objetivos dessa certificação complementar são fornecer elementos para que o estudante, independentemente de sua formação profissional ou seu curso de origem, consiga desenvolver uma atitude empreendedora e uma postura proativa, descobrir oportunidades de atuação profissional empreendedora, planejar sua vida profissional, planejar empreendimentos em diferentes setores e alavancar sua inserção profissional (Apresentação Institucional – site do domínio adicional de empreendedorismo da universidade pesquisada, 2021). Trata-se de um programa com perfil multidisciplinar e transversal, sendo ministrado por docentes de diferentes departamentos (MELLO; MARTINS; ZARDO, 2019; MELLO; PISCHETOLA, 2019), que abrange atualmente 21 disciplinas (Grade Horária de Disciplinas – site do domínio adicional de empreendedorismo da universidade pesquisada, 2021).

De todas as disciplinas disponíveis atualmente no Domínio Adicional, mas gostaria de destacar três disciplinas. Complementares às temáticas trabalhadas em Atitude Empreendedora, são facultativas para a certificação empreendedora e tendem a demonstrar um posicionamento socialmente mais engajado da coordenação de empreendedorismo frente aos dilemas socioambientais globais. São elas:

- (1) Empreendedorismo e Desenvolvimento Local (Ementa: Relações entre sociedade local e desenvolvimento socioeconômico territorial, produção de capital social, perseguição de um projeto coletivo, empreendedorismo cívico, empoderamento, participação, perfil de empreendedores e empreendimentos orientados para o desenvolvimento local, *marketing* cultural como ferramenta de diferenciação para localidades ou empresas, ferramentas e metodologias como mecanismos para o Desenvolvimento Local);
- (2) Planejamento de Empreendimentos Sociais (Ementa: Terceiro Setor. Setor dois e meio. Empreendedorismo social. Desenvolvimento Local. Responsabilidade social empresarial. Negócios Sociais. Sociedade Civil. Planejamento. Novos negócios. Marco legal. Captação e geração de recursos. Mecanismos de Desenvolvimento Local e Impacto Social. Tripla hélice ampliada. Cidadania); e
- (3) Empreendedorismo sustentável e econegócios (Ementa: Implicações da Crise Ambiental para a estratégia das empresas e o

empreendedorismo: Riscos e Oportunidades; Aplicação dos conceitos de desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade empresarial a novos negócios; Ecoestratégias pós Quioto e economia verde; Definição de Empreendedorismo Sustentável e Tipos de Econegócios; Mapeamento de Oportunidades de Econegócios; *Ecodesign*, Inovação e *Marketing Verde*; Como planejar um empreendimento sustentável; Medição do Impacto ambiental de produtos e operações e medição da sustentabilidade de novos empreendimentos).

O enfoque dado nessas três disciplinas não obrigatórias está ligado ao meu entendimento de que estas, por já existirem na grade curricular do Domínio Adicional e trazerem a perspectiva do empreendedorismo social e de impacto positivo, podem facilitar o caminho de aproximação e diálogo entre o empreendedorismo e educação empreendedora com a educação crítica.

Como o objetivo é abordar a temática da educação empreendedora, o trabalho de observação participante, entrevistas e análise documental ficou restrito ao Domínio Adicional de Empreendedorismo, tendo como foco de análise a disciplina Atitude Empreendedora, que é uma das três disciplinas obrigatórias para a conclusão dessa formação, que tem como enfoque o desenvolvimento do perfil e papel do indivíduo empreendedor (MELLO; PISCHETOLA, 2019). Esta disciplina, ministrada por docentes com formação em Psicologia e com experiência de negócios, com foco no desenvolvimento de competências socioemocionais, é uma das mais cursadas – inclusive, por estudantes que não completam a formação adicional e optam por fazer apenas uma disciplina do Domínio Adicional (MELLO; MARTINS; ZARDO, 2019). Segundo estas autoras:

No âmbito da formação dos alunos, o Empreendedorismo [...] permitiu, ao longo dos últimos anos, uma formação complementar que favorece que os alunos, de diferentes campos do conhecimento, assumam as rédeas de suas trajetórias, como protagonistas de suas vidas. Por sua característica transdisciplinar, o conhecimento gerado fica enriquecido pelos diferentes olhares, mas orientado a um objetivo: à construção de um futuro do trabalho baseado em propósito, pautado na real possibilidade de atuação profissional que visa não apenas ao retorno financeiro, mas também mobiliza para a transformação da realidade (MELLO; MARTINS; ZARDO, 2019, p. 607).

## 4.2

### A disciplina Atitude Empreendedora

De acordo com o programa completo da disciplina Atitude Empreendedora, disponibilizado pela coordenação da educação empreendedora no período de 2020.1, a ementa apresenta os seguintes tópicos: Paradigmas e modelos mentais; Cenário atual do mundo empresarial; Perfil, características e atitudes dos empreendedores; Técnicas de avaliação e desenvolvimento do autoconhecimento; Técnicas de desenvolvimento de criatividade, cooperação, competição e confiança; Técnicas de apresentação em público e relacionamento interpessoal. Já os objetivos dessa disciplina expressos no documento são:

- (1) Construir uma definição de Empreendedor e, comparando-a com a definição da literatura, avaliar a distância ou proximidade de cada aluno(a) com este perfil;
- (2) Analisar as características psicológicas dos empreendedores de sucesso e avaliar o potencial de cada aluno(a) quanto a estas características;
- (3) Desenvolver dinâmicas de grupo que despertem e fortaleçam as características, isoladas na literatura, como essenciais ao sujeito empreendedor, a saber: criatividade, ousadia, motivação para realização, responsabilidade por resultados, comunicação eficaz, capacidade de negociação e persuasão entre outras;
- (4) Desenvolver a relação Empreendedorismo e Cidadania; e
- (5) Realização de um Trabalho Final (PROGRAMA DA DISCIPLINA, 2020, p. 1).

Desta forma, como o objetivo desse estudo é compreender como, em um contexto brasileiro de pandemia, a educação empreendedora busca construir um conhecimento reflexivo e propositivo acerca do papel do empreendedor na sociedade, e de que forma uma educação crítica pode contribuir com esse processo, a escolha foi trazer a observação e análise acerca da disciplina Atitude Empreendedora, que se constitui a partir do trabalho de desenvolvimento do perfil do aluno como indivíduo empreendedor para a vida, independente se em algum momento terá uma empresa ou não.

Em relação ao perfil empreendedor do aluno, nos trechos destacados abaixo, e também ao longo de todo depoimento e vivência como observador da disciplina, é comum a ideia de que o empreendedorismo é a saída para muitas questões, seja para o perfil do jovem que uma vez dotado das características empreendedoras estará preparado para qualquer desafio contemporâneo de mercado, como também para a sociedade que, se tiver muitos empreendedores, possibilitará um benefício comum e desenvolvimento social. Por isso, os

professores defendem que qualquer pessoa deveria cursar essa disciplina de atitude empreendedora:

*"Na visão dos estudantes, Atitude contribui para o autoconhecimento, eles param para refletir... propomos diversas atividades, como logo, marca pessoal, enfim, para olhar para dentro, é uma coisa que marca. Vários deles falam que nunca tinham feito isso. E uma coisa que tem marcado bastante também é o projeto final... Eu acredito que muitos deles conseguem sair com essa visão ampliada da bolha em que vivem." (DOCENTE 2).*

*"Eu acho que a gente aborda, na disciplina, competências socioemocionais que são comuns a qualquer pessoa. A gente fala de equipes, a gente fala de comunicação, a gente fala de negociação... Essa disciplina, mesmo que você não queira fazer o domínio adicional em empreendedorismo, essa disciplina é uma disciplina que todo mundo deveria fazer... Tem uma parte grande no começo sobre autoconhecimento. Eu acho isso super importante. Primeiro, eu já acho importante para todos; e segundo, para o empreendedor, eu acho que se você não faz esse caminho de olhar para dentro, descobrir qual é a sua intenção, qual é o seu propósito, fazer escolhas e etc... Eu digo que Atitude traz um aprendizado que é para sempre, uma disciplina que é para sempre. Eu falo assim, vocês vão levá-la para sempre, não só por quatro meses." (DOCENTE 1).*

Essa visão não fica restrita aos docentes. Alguns alunos também compartilham dessa ideia:

*"Acho que o empreendedorismo abriu a minha visão quanto a essas possibilidades de poder olhar para o que eu tenho agora e saber o que eu consigo levar isso para frente, sabe. Fazer uma análise meio que interna das suas possibilidades e uma análise externa do que o mundo tá te oferecendo. Então, eu acho que ele me agrega muito valor, e ter tido contato com isso na faculdade é um valor que você leva para sempre." (ALUNA 7).*

Nesses trechos conseguimos perceber que essa disciplina ganha relevância tanto para os professores quanto para a maioria dos estudantes pelo fato de ela trabalhar aspectos socioemocionais. Nas dinâmicas trabalhadas com as turmas, o foco principal está no processo de autoconhecimento – “olhar pra dentro” –, no qual os alunos são convidados a refletir sobre suas características pessoais, e estas são confrontadas com as habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. Processo este que, uma vez aprendido, será replicado por esse indivíduo sempre que necessário for refazer essa:

*"Comunicação, negociação, liderança... Que é isso que, independente de você querer empreender ou querer uma vaga no mercado de trabalho, é isso que tá sendo demandado." (DOCENTE 2).*

O fato de grande parte dos alunos já terem cursado pelo menos metade do seu curso de graduação e se encontrarem em um momento de pensar sobre

sua inserção profissional dialoga de forma positiva com essa proposta da disciplina Atitude Empreendedora. Compreender melhor o que o mercado está demandando, refletir sobre seu próprio perfil, entender no que precisa se desenvolver para ter sucesso e saber se vender parece ser uma equação perfeita para esses jovens que almejam iniciar suas carreiras em organizações reconhecidas, independente se o objetivo futuro é empreender ou não.

Na perspectiva das docentes, o trabalho da disciplina não se esgota na autorreflexão. As dinâmicas, atividades propostas e o projeto final ajudam a desenvolver algumas características essenciais, como capacidade de se apresentar e se comunicar melhor, criatividade, trabalho em equipe e até a liderança é despertada em alguns. Além disso, com a possibilidade de trabalhar em grupos diversos e com pessoas desconhecidas, acredita-se que esses estudantes extrapolam a bolha de seus cursos e de sua rede de contatos, e podem dialogar com diferentes realidades e perspectivas, já que o domínio é cursado por estudantes de todos os cursos de graduação e, por isso, as turmas são compostas por uma diversidade de saberes.

É necessário problematizar aspectos, na visão compartilhada por estudantes e professores sobre o ensino do empreendedorismo, que muitas vezes acabam por serem invisibilizados. Por exemplo, o quanto a disciplina não serve a um formato padronizador e individualista de perfil para entregar ao mercado indivíduos prontos e dóceis, que executarão seus papéis dentro das organizações, buscando sua ascensão pessoal sem questionar o sistema e os impactos negativos do mesmo ao contexto. Levantar estas questões contribui para que se evite que a educação trabalhe para servir as demandas impostas pelas estruturas de poder e prepare os indivíduos para ocuparem funções limitantes de seu potencial. Pelo contrário, busca-se um desenvolvimento crítico que possibilitaria a transformação verdadeira.

Um bom exemplo diz respeito à escolha dos convidados externos que foram trazidos para as aulas, como forma de dinamizar os encontros e apresentar experiências de profissionais do mercado. Considero importante destacar que, em sua maioria, estes convidados foram homens, brancos, exemplos de empreendedores bem sucedidos financeiramente de médias e grandes empresas com fins lucrativos que pouco dialogam com a realidade social tão diversa do país, composto por micro e pequenas empresas geridas por pessoas de classes sociais menos favorecidas. Esta escolha, que não contempla em toda a sua potencialidade a realidade diversa, mostra a tendência, como defende Ogbor (2000), do campo do empreendedorismo em geral, em

apresentar traços de preconceito e discriminação, colaborando para a manutenção da estrutura social dominante, que reforça como padrão um modelo branco, heteronormativo e capitalista de empreendedor (COSTA; SARAIVA, 2015), sem estimular o processo de educação conscientizadora defendido por Freire e um espaço de educação multicultural, como defende Hooks (2017), afastando esses estudantes que, em sua maioria, são da camada social alta, dos desafios mais comuns da jornada empreendedora real e de referências empreendedoras outras que poderiam apresentar perspectivas novas acerca das características e do caminho empreendedor, inclusive do empreendedorismo social. Ressalto, ainda, que esse perfil e discurso padronizado de empreendedores de sucesso convidados para as aulas também se repete em outras palestras e debates promovidos frequentemente durante a pandemia pela coordenação de empreendedorismo, e que são abertos à comunidade externa à universidade. São modelos interpretados como ideais de sucesso a se seguir, defendidos por representantes das camadas dominantes. Seguir replicando essa lógica, sem consciência crítica a respeito dessas receitas de sucesso, talvez contribua para a formação de indivíduos não autônomos numa mesma condição alienante de empresas de si mesmo para atender aos interesses do mercado (CARMO et al., 2018).

Alinhado a essa perspectiva, a Aluna 2 comenta sobre a necessidade de se discutir exemplos de casos mais próximos da realidade comum. É fundamental questionar essas histórias de sucesso que colaboram com os discursos que, segundo Costa, Barros e Carvalho (2011), naturalizam o empreendedor como idealizado e heroico, sempre capaz de superar as adversidades:

*“Acho que isso que falta muito nas disciplinas de empreendedorismo, é trazer coisas reais. Vejo muito empreendedorismo, tipo, “matéria do fantástico”. Passou dificuldade, hoje é milionário... não é todo mundo assim. Tem gente que passa dificuldade, vai continuar passando. Não é para desencorajar, mas mostrar a verdade, porque às vezes acho que muita matéria de empreendedorismo busca muito essa fantasia de “Tudo é incrível! Se você quiser, você consegue!”. Não é assim, sabe. A minha mãe teve loja de roupa de criança por quase 20 anos e teve que fechar por causa da crise que teve lá em 2008, sabe? Foi por falta de competência? Foi por falta de esforço? Não foi. Foi sucesso por muito tempo, mas... é muito legal história de sucesso, é muito legal para você se inspirar. Mas, tipo, não é uma regra.”* (ALUNA 2).

Como explicita esta entrevistada, a escolha do empreendedorismo em dar visibilidade para as histórias de sucesso pode ser bastante prejudicial e fantasiosa, já que não condiz com a verdade na maioria dos casos. A realidade

brasileira é que a maior parte das pessoas que tentam empreender fracassam em algum momento, por diferentes fatores que não têm relação exclusiva com o desejo pessoal e força de vontade para que o empreendimento dê certo, como ela mesma apresenta com o exemplo pessoal de sua mãe. Portanto, com objetivo de manter um compromisso com a realidade, é importante que o ensino do empreendedorismo possa trabalhar exemplos reais de iniciativas empreendedoras mal sucedidas, trazer também outras referências de empreendedores comuns que sejam capazes de dialogar sobre seus erros e acertos. O ponto de atenção aqui é para que a educação empreendedora não acabe trabalhando a exceção como regra, perpetuando a ideia de responsabilização exclusiva do indivíduo pelo seu sucesso e/ou fracasso (COAN, 2011).

Em relação à condução da disciplina, a minha experiência como observador de uma turma, tendo compartilhado todos os encontros com os estudantes e com a professora, somada à oportunidade de dialogar e entrevistar outras docentes da mesma disciplina em outras turmas, me fez perceber claramente que existe um caminho temático a ser trabalhado em Atitude. Mas cada semestre é um semestre e o que vai se construindo com determinada turma é bastante específico, com objetivo de respeitar o caminho com aquele grupo particular e as experiências dos docentes envolvidos no processo pedagógico, alinhado ao que Paulo Freire defende sobre a prática pedagógica para liberdade, e também conforme foi destacado pela professora de Atitude:

*“Essa disciplina é uma disciplina que ressignifica o controle do professor. Porque eu nunca sei o que eu vou trabalhar no semestre que vem. Não sou eu... Eu sei os temas... Então, as dinâmicas acontecem a partir do que eles trazem.” (DOCENTE 1).*

Essa informação é relevante, pois pode explicar as particularidades do trabalho de cada turma e de cada docente que, mesmo respeitando o caminho temático e a ementa da disciplina, destacará aspectos específicos em cada semestre com cada grupo. Essa prática está alinhada ao que defende o educador Paulo Freire sobre uma educação emancipatória não padronizada e não centrada na figura do professor. O papel educador no processo não é o de controlar, e sim de mediar a construção de conhecimento a partir dos interesses do grupo, respeitando suas especificidades, experiências e realidades particulares.

Por esta disciplina ter como um dos objetivos o trabalho da relação do empreendedorismo com a cidadania, a proposta aqui é propor o diálogo desses objetivos da educação empreendedora e o empreendedorismo de impacto, considerando o contexto brasileiro, com vistas a contribuir para a discussão e desenvolvimento do campo de ensino do empreendedorismo, a partir da perspectiva da educação crítica de Paulo Freire.

Sobre a relevância do ensino do empreendedorismo para a formação dos jovens que influenciarão as mudanças sociais, o entendimento das docentes entrevistadas nos mostra que a relação é direta: a educação empreendedora contribui para uma reflexão e mudança de atitude dos estudantes. O entendimento aqui colocado pelas docentes sobre reflexão foca um estímulo ao trabalho de autoconhecimento desses jovens que a disciplina da Atitude Empreendedora tem como um dos objetivos, conforme enuncia a Docente 2:

*“[...] a partir do momento que você tem autoconhecimento, você sabe o que te falta e você busca o que te complementa.” (DOCENTE 2).*

Mais à frente, fica evidenciado em alguns trechos das falas dos estudantes entrevistados que eles também percebem esse impacto do trabalho de autorreflexão sobre as características do perfil, provocado por algumas dinâmicas vivenciadas na disciplina, com destaque para a atividade "EU S.A." que ainda comentarei.

Sobre a mudança de atitude, as docentes entendem que, a partir das atividades propostas, os alunos são provocados a sair da sua zona de conforto e assumir um papel mais proativo, seja em qualquer projeto próprio, no mercado de trabalho ou até mesmo em relação ao mundo. No trecho abaixo, a Docente 2 aborda essa questão de mudança de atitude por parte da turma e destaca a atividade do projeto final, cujo objetivo é pensar algo propositivo para algum problema da sociedade.

*“[...] eu acho que fazer com que eles saiam um pouco da zona de conforto e que eles tenham de fato um papel mais ativo na construção da realidade deles e do mundo [...] A questão de ser um impacto, um impacto no entorno, e sua responsabilidade. Porque a gente desenvolve consciência ética, cidadania, responsabilidade ambiental, preocupação com o outro.” (DOCENTE 2).*

No entanto, o foco dado à temática e à análise mais aprofundada aos problemas escolhidos pelos projetos finais parece depender mais da perspectiva e proposta de cada docente em sala, pois não aparece de forma destacada na

turma observada e no depoimento da outra docente da mesma disciplina. Um exemplo desta influência da perspectiva individual das docentes diz respeito à escolha das características do perfil empreendedor a serem trabalhadas. É o caso de uma das docentes entrevistadas que cita características como liderança, autoconhecimento, criatividade, inovação, adaptabilidade, trabalho em equipe, comunicação, mas nenhuma voltada para aspectos de engajamento e responsabilidade social.

Outra docente entrevistada afirma que busca trazer conceitos do empreendedorismo social e negócios de impacto, citando as empresas do Sistema B<sup>2</sup> como exemplo, mas coloca que isso é uma escolha pessoal, inclusive explicando que possivelmente os outros professores da disciplina não o façam, já que não existe um direcionador institucional para tal. Ela faz uma relação direta e propositiva entre a educação empreendedora e o empreendedorismo social:

*“[...] eu acho que o empreendedorismo deveria ser introduzido desde mais cedo na vida dos alunos, e eu acho até que o empreendedorismo social, né? A questão de ser um impacto, um impacto no entorno, e sua responsabilidade. Porque a gente desenvolve consciência ética, cidadania, responsabilidade ambiental, preocupação com o outro... A gente começa a desenvolver uma série de valores que eu acho que o mundo tá precisando muito, sabe.” (DOCENTE 2).*

A Docente 1 também comenta que, na sua visão, a educação empreendedora deveria estar menos direcionada para o instrumental e necessidades individuais e dialogar mais de forma sistêmica com o meio social, gerando benefícios à sociedade na qual o projeto está inserido.

Se a intenção da disciplina é tirar o estudante de sua zona de conforto e propor uma ampliação da sua bolha, como a docente destaca, será necessário que todos os educadores, apesar de suas perspectivas mais individuais, provoquem um aprofundamento maior por parte dos grupos nos problemas sociais identificados e no exercício de entendimento da realidade das pessoas que vivem o problema. Identificar e pensar no problema de forma superficial dificilmente vai tirar alguém da zona de conforto. O que provoca mudança de atitude e ajuda a furar a bolha confortável desses jovens é dialogar diretamente com quem sofre o problema para entender melhor a realidade e construir junto deles uma solução efetiva. Ou seja, o desenvolvimento dessa perspectiva social

---

<sup>2</sup> O Sistema B é um movimento que reúne e certifica as empresas que equilibram propósito e lucro, considerando o impacto de suas decisões em seus trabalhadores, clientes, fornecedores,

nos estudantes de empreendedorismo na prática (OLIVEIRA; MELO; MUYLDER, 2016).

Um outro ponto trazido pelas docentes sobre as atividades vinculadas à disciplina foi o projeto final de mobilização empreendedora cidadã proposto como atividade final da disciplina, no qual os estudantes precisam escolher um problema que eles entendam como relevante na sociedade e propor uma solução. O entendimento da equipe docente é de que nesse projeto, que tem um peso expressivo na avaliação do semestre, os grupos de estudantes precisam pensar em soluções para problemas e questões percebidas e que podem ser melhoradas na sociedade. As docentes entrevistadas comentam sobre a importância da construção desse projeto como responsabilidade e compromisso social dos estudantes com o contexto. Ambas salientam que, inclusive, nesse semestre, os projetos propostos como solução precisavam ter alguma relação com problemas percebidos devido ao cenário brasileiro de pandemia.

Para exemplificar melhor a natureza desses projetos, descrevo aqui exemplos desenvolvidos na turma que observei durante o semestre, sem citar os títulos e estudantes envolvidos:

- Projeto 1: página das redes sociais que entregava conteúdo e discussões sobre política, visando a educação;
- Projeto 2: *site* no qual terapeutas pudessem oferecer/realizar atendimentos *online* nesse contexto de distanciamento social;
- Projeto 3: apoio em *marketing* e gerenciamento de equipes para uma empresa de médio porte com problemas gerenciais;
- Projeto 4: cinema itinerante para moradores da baixada fluminense do Rio de Janeiro;
- Projeto 5: produto alternativo às embalagens plásticas para restaurantes com serviço de entrega a domicílio; e
- Projeto 6: *site* para facilitar o encontro de projetos sociais por parte de pessoas interessadas em apoiar projetos dessa natureza.

De fato, os projetos surgem a partir da percepção dos estudantes sobre questões sociais latentes, mas é preciso chamar a atenção aqui para o aprofundamento das discussões antes e durante o desenvolvimento dos mesmos. Ao longo do semestre, na condução das temáticas, o empreendedorismo social não é trazido, em todo o seu potencial, como um

caminho possível, salvo por interesses específicos de determinados docentes. A discussão sobre oportunidades, o levantamento da teoria sobre perfil empreendedor, os convidados trazidos para dialogar nos encontros, os discursos assumidos durante as aulas não dialogam, em profundidade, com essa proposta de mobilização cidadã. Esse fato parece contribuir para uma possível desconexão por parte dos estudantes com o papel, compromisso e a atitude do empreendedor em relação à resolução de problemas sociais e/ou ambientais.

Um outro aspecto sobre o projeto final que cabe mencionar é a percepção de valor por parte dos estudantes frente a outras atividades desenvolvidas na disciplina. O entendimento das docentes é que esse projeto de mobilização cidadã é a etapa de maior aprendizado e a que mais marca os alunos. No entanto, de todas as entrevistas feitas, apenas em uma o projeto foi citado como a dinâmica/atividade mais interessante do semestre, e justamente o ponto destacado foi em relação à natureza social do projeto:

*“Meu projeto me marcou muito. Acho que um projeto que você coloca uma parte social, acho muito interessante, como eu disse, o que faz o nosso diferencial, o que é legal, foi receber os feedbacks das pessoas dizendo que seria muito legal ter um projeto assim na baixada, porque a baixada é desassistida. Então, eu acho que o mais interessante da disciplina foi justamente os projetos finais.” (ALUNO 6).*

Vale destacar aqui também uma observação de uma das docentes da disciplina a respeito do estímulo, em sua visão, equivocado da competição nesse processo:

*“Porque tem uma coisa no curso que eu tenho questões. Tem uma competição entre as turmas. Eu sempre fico me questionando sobre “O que é essa competição saudável, cara-pálida?”. Acho que ela é boa, para quem gosta, mas ela não é boa para quem não gosta! Não é boa para todos, não é saudável para todos. E eu sempre lido com isso, porque você fica o curso inteiro falando de colaboração, de construção de rede, blábláblá... E, no final, você coloca os grupos para competir, você só pode mandar um vídeo por turma, e depois as turmas para competirem entre si! Então, isso é uma questão minha.” (DOCENTE 1).*

Os projetos são avaliados e os melhores de cada turma vão concorrer com os melhores de outras turmas. Ou seja, mesmo sendo projetos que visam à mobilização cidadã, com intuito de agregar valor à sociedade, os aspectos individuais são ressaltados nessa política pedagógica competitiva entre os grupos, alinhada aos discursos do empreendedorismo, nos quais prevalecem os valores do mercado capitalista, em detrimento ao estímulo dos valores coletivos

e de colaboração (CARMO et al., 2018), que é um dos pilares do entendimento sobre negócios de impacto e empreendedorismo social.

### 4.3

#### O Contexto da Pesquisa

Antes de entrar na análise dos depoimentos coletados dos alunos, considero importante localizar aqui o contexto de pesquisa vivenciado. Essa pesquisa foi desenvolvida em sua totalidade em um contexto de não normalidade social devido à pandemia, e ela representa um recorte vivido em um semestre atípico de transição compulsória do formato de aulas presenciais para o modelo virtual.

Essa transição ocorreu devido à pandemia da COVID-19, considerada uma das mais mortais da história, ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, que se espalhou rapidamente por diversos países do mundo. Como uma das medidas de contenção da doença, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou o distanciamento social, o que impactou aqui, no Brasil, a partir de março de 2020, a suspensão ou mudança na operação das principais atividades que ocorriam de forma presencial, como foi o caso dos ambientes educacionais. No caso das instituições de ensino superior (IES), com estrutura e recursos para uma readequação imediata, como foi o caso dessa universidade escolhida, as aulas foram transferidas para o formato virtual e as atividades continuaram com ajustes no calendário. Em outros casos, de IES públicas, as aulas foram suspensas por meses até o calendário ser retomado com o ensino remoto.

No primeiro semestre de 2020, as aulas começaram no dia 03 de março. Os encontros da disciplina de Atitude e Comportamento Empreendedor aconteceriam presencialmente às terças e quintas pela manhã. Excepcionalmente, no primeiro encontro, a professora titular participou de forma *online*, pois estava fora do país. Eu, enquanto estagiário docente, estive presente para mediar o encontro em sala com os estudantes, e a professora apresentou o programa e alinhou expectativas da turma em relação à disciplina. Um fato curioso nesse momento foi que alguns estudantes questionaram sobre o formato da aula, perguntando se os encontros durante o semestre seriam com a docente à distância ou presencialmente. Como era planejado, seriam todos presenciais, com exceção deste primeiro.

O que ninguém esperava é que, depois da terceira aula, entraríamos em isolamento social, devido ao contexto de pandemia que se agravava no Brasil e no mundo, e as aulas presenciais seriam suspensas por tempo indeterminado.

Essa mudança repentina não só trouxe mudanças para toda a dinâmica de ensino da disciplina, como foi o momento que vislumbrei, junto à minha orientadora, a oportunidade de direcionar minha pesquisa explorando esse cenário específico. Até então, meus objetivos de pesquisa estavam ligados à educação empreendedora, mas o recorte não seria exatamente essa disciplina. Eu estava somente na função de estagiário docente. No entanto, nesse momento de transição, com consentimento da docente e de toda a turma, pude aproveitar esta minha função para me colocar como um observador participante e redirecionar meu estudo através de um mergulho mais aprofundado na disciplina Atitude Empreendedora, do domínio adicional de empreendedorismo. Como praticante, nesse lugar de assistente da disciplina, foi uma oportunidade de agregar o olhar de pesquisador diante desse contexto social, econômico e sanitário ímpar pelo qual passávamos.

A discussão com a turma nesse momento de transição para o virtual era sobre panorama de mercado de trabalho. Os estudantes discutiam as características do perfil profissional desejado e/ou mais preparado para as demandas de mercado e carreiras. As mais citadas e pesquisadas foram: inteligência emocional, motivação no trabalho, risco e iniciativa, inovação e criatividade e espírito empreendedor. A verdade era que uma dúvida maior, um sentimento de apreensão, permeava o primeiro encontro *online* após a suspensão das atividades acadêmicas presenciais. Estudantes recolhidos em suas casas. Apenas eu e a professora com a câmera aberta tentando levar adiante a discussão, mas a maior parte da turma permanecia pouco participativa em meio aos questionamentos que surgiam no debate. Como tudo seria nesse novo momento? Será que as aulas retornariam ao presencial antes das avaliações? As apostas, naquele momento, eram de que no máximo em um mês e meio a universidade voltaria a funcionar normalmente. Não foi o que aconteceu.

Com o objetivo de contornar esse cenário de horas seguidas de telas com aulas exclusivamente *online*, combinadas com um contexto de medo e insegurança devido ao aumento de casos da COVID-19, a professora, de forma empática, decidiu não contribuir para o maior estresse e ansiedade dos estudantes. Portanto, as aulas síncronas foram reduzidas para apenas um encontro por semana pelo *Zoom* para aliviar o tempo de encontros ao vivo,

combinando com atividades assíncronas e com a participação de convidados externos para dinamizar os encontros com experiências de empreendedores e especialistas em algumas temáticas trabalhadas, como negociação, liderança e *startups*/investimento.

Esse movimento da docente responsável pela disciplina vai ao encontro da questão que Freire (2011) apresenta sobre a educação que dialoga com o contexto e o grupo. Não parecia plausível ignorar tudo o que acontecia no país e os efeitos disso nas pessoas e continuar ministrando a disciplina da mesma forma. A empatia por parte da equipe docente da disciplina foi fundamental na visão dos alunos. Os comentários abaixo ilustram esse ponto:

*“Outra coisa que a disciplina me trouxe indiretamente foi pensar que esse não é um tempo normal. A professora falava muito isso. “Ah, estamos em tempos atípicos”. Então, não adianta eu ficar querendo me cobrar da mesma forma que eu cobrava antes, porque não tem como. Não tô na mesma situação que antes.” (ALUNA 2).*

*“Isso, de uma certa forma, me confortou, porque eu teria aula naquele momento, uma vez por semana... E ao mesmo tempo mostrou preocupação, sabe, de estar sempre ali. E acho que isso foi muito importante, mesmo que seja só para dizer um “oi” e para falar de maneira geral do curso, sem ter aula. Isso, para mim, aquele momento foi bem importante... E de ela estar vindo sempre animada, né, porque a quarentena foi ruim para todo mundo, então, só desse momento... foi legal, sabe. Dava um gás para você entrar ali todo dia e ter aula.” (ALUNO 7).*

Sobre as aulas que contaram com a participação de convidados externos, alguns integrantes da turma também comentaram de forma bastante positiva sobre essa iniciativa da professora:

*“As palestras mostraram diferentes visões para a gente, de pessoas que estão empreendendo. Foram múltiplas formas de aprendizado nessa disciplina.” (ALUNA 1).*

*“Foi muito legal para a gente ver meio que como é fora da universidade. Acho que seria legal trazer mais gente de fora.” (ALUNO 4).*

*“Eu não esperava que iam ter palestras e foram ótimas. Isso me surpreendeu positivamente.” (ALUNA 9).*

Essa foi uma estratégia que pensamos nas reuniões de planejamento para as aulas. Nossa ideia era tentar dinamizar o processo de ensino e aprendizagem e o formato de transmitir o conteúdo, agregando novas perspectivas nas aulas. Esse processo foi facilitado pelo ensino remoto, no qual foi possível convidar pessoas referências, geralmente com pouca disponibilidade de agenda, que aceitaram pelo fato de ser um encontro virtual. Nesse sentido,

esse tipo de prática foi eficiente na visão dos alunos e pode ser aprimorado, pensando na perspectiva crítica da educação, ao trazer convidados não necessariamente famosos, muitas vezes invisibilizados e que estejam fora do padrão de empreendedor e/ou especialista do empreendedorismo, que a maioria das pessoas reconhecem. Agregar histórias, casos de negócios de pessoas da periferia, empreendedores sociais, casos de sucesso de outras regiões do Brasil, de mulheres, negros, de coletivos, cooperativas, ou seja, aproximar os estudantes de uma realidade múltipla, colaborando para a criação de referências diversas, diferentes da dominante.

#### 4.4 A Disciplina na Prática

Nesta etapa, apresentarei uma análise sobre as principais discussões e temáticas trazidas pela experiência (e interação) cotidiana promovidas pela disciplina e recolhidas nos depoimentos dos alunos e alunas. No esquema a seguir, apresento a proposta de organização em duas temáticas – Ser Empreendedor e Ser um Empreendedor Agente de Mudança – e suas derivações (subtemas) evidenciadas ao longo dessa análise.



Figura 1 – Esquema Temático  
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

#### 4.4.1 Tema 1 - Ser Empreendedor

Conforme já apresentado, por se tratar de uma disciplina de base e obrigatória para a certificação no domínio adicional de empreendedorismo, a Atitude Empreendedora é cursada por muitos estudantes de diferentes cursos de graduação, inclusive por quem opta por não concluir o domínio.

Neste primeiro tema, o objetivo foi investigar, com base nos depoimentos coletados, os aspectos mais relevantes sobre as características empreendedoras que compõem o perfil empreendedor e são trabalhadas nessa disciplina, além de buscar evidenciar pontos de entendimento dos depoentes acerca da educação empreendedora. Os seguintes subtemas foram identificados: (i) Perfil empreendedor; (ii) Educação empreendedora; (iii) Eu Produto; e (iv) Indivíduo Padronizado.

Sobre ensino e desenvolvimento do **perfil empreendedor**, os estudantes destacaram, com certa alegria, que a disciplina contribuiu para o entendimento de que é possível se desenvolver como empreendedor e que nem todos os empreendedores são iguais, ou seja, não possuem exatamente as mesmas características e/ou habilidades. Alguns consideravam de forma desacreditada que poderia se tratar de um dom pessoal, um perfil fechado que dificilmente poderia ser desenvolvido.

*“Você não precisa nascer empreendedor e se você não nasceu com esses traços, você nunca vai ser. Eu aprendi também, durante a disciplina, quando a gente viu todas essas partes que a gente estudou, todos os empreendedores, todos os teóricos dentro da área de empreendedorismo... como todos falavam isso. Você não precisa nascer um empreendedor, e cada um vai ter um traço diferente. Isso, para mim, foi uma coisa que fez totalmente a diferença.” (ALUNA 1).*

*“O que mais me ajudou a entender foi realmente o perfil empreendedor, de entender que cada um tem sua parte na empresa, não precisa ser igual a todo mundo.” (ALUNO 4).*

No entanto, é importante destacar aqui que, por mais que esse perfil possa ser desenvolvido, empreender não deveria ser para todo mundo. Não são todas as pessoas que se identificam ou que desejam esse caminho. Assim como nem todo empreendedor é igual, nem todas as pessoas devem buscar se tornar empreendedoras simplesmente pelo fato de esse ser um perfil desejado pelas empresas ou por não possuírem outra opção de trabalho no mercado. Há uma tentativa de padronização do perfil do jovem profissional, seja pela falta de oferta de emprego ou pelas relações precárias de trabalho, e o empreendedorismo faz

parte desse modelo como um caminho mais adequado e verdadeiro que vale a pena se engajar. Isso corrobora com a visão de Carmo et al. (2018) sobre os discursos ideológicos do empreendedorismo que, por não forçarem os indivíduos, têm grande adesão espontânea sem crítica, por se apresentar de forma sutil com aparência de escolha pelo indivíduo. Inclusive, esse foi um ponto trazido pelo Aluno 5:

*“Estão romantizando essa situação do empreendedorismo, e para muita gente funciona, para muita gente é bom, claro..., mas para a maioria não funciona. As pessoas tentam e perdem dinheiro. Nessa pandemia, eu vi na TV alguns casos de pessoas que deram a volta por cima e conseguiram empreender e ganhar mais dinheiro do que antes, mas isso é exceção. A maior parte está desempregada e com dificuldades de se alimentar.” (ALUNO 5).*

A romantização em relação à temática do empreendedorismo, como coloca a estudante, é um grande ponto de atenção. O incentivo à prática empreendedora precisa ser feito com responsabilidade, e de preferência mostrando as diversas possibilidades de consequência desse caminho profissional. Mostrar somente a parte atraente da história – ou seja, relatos de grande sucesso, indivíduos que saíram da pobreza e mudaram radicalmente de vida para melhor, grandes ganhos financeiros apesar dos desafios – parece com uma estratégia antiga das histórias de princesas em que, mesmo com dificuldades ao longo da historinha, no fim o príncipe chegaria lindo e resolveria todos os problemas. O que ninguém conta é a vida da princesa não romântica depois do casamento. Essa é também uma escolha da narrativa da educação empreendedora.

Ampliando a discussão sobre perfil empreendedor, um dos pontos levantados nas entrevistas com os estudantes foi sobre as características empreendedoras de maior importância na visão deles. O objetivo aqui era compreender, depois de concluída a disciplina, o que de mais relevante sobre o perfil empreendedor tinha ficado registrado, aliando teoria, exemplos apresentados e vivências durante as aulas:

*“Para um empreendedor, é fundamental trabalhar em equipe e ter capacidade de se adaptar às mudanças.” (ALUNA 2).*

*“Tem liderança... acho que iniciativa... pensar fora da caixa, criatividade, saber identificar oportunidades.” (ALUNO 4).*

*“O empreendedor é aquele que tem paixão pelo o que faz, é aquele que tem coragem. Ser um bom líder também, para mim, acho que é fundamental.” (ALUNO 6).*

*“Não só ser criativo e saber adaptar a situações, mas ter aquele planejamento de conhecimento de mercado que pode ser a sua vida, sabe. Acho que, para mim, é isso. De você colocar não só interesse, mas vontade em tudo o que você quer fazer e que você quer seguir.” (ALUNA 7).*

*“A pessoa que pega as coisas de si mesmo e tenta colocar em prática. Tipo o que eu tenho, o que eu sou, o que eu posso fazer com isso. Você usar o que você tem, o que você é, o que você sabe... O perfil Hands On, de você fazer, de você ir atrás.” (ALUNA 9).*

É possível perceber nos fragmentos recortados acima que características mais comuns, como trabalho em equipe, liderança, criatividade/ inovação, proatividade, adaptabilidade/flexibilidade aparecem e estão de acordo com o que apresenta a teoria hegemônica sobre perfil empreendedor, inclusive alinhadas com os depoimentos das docentes apresentados anteriormente. Em consonância com essa literatura hegemônica sobre perfil empreendedor, podemos destacar também em algumas falas termos em inglês, como “*soft skills*” e “*hands on*”, utilizados pelos estudantes, docentes e convidados, que reforçam a referência discursiva do empreendedorismo que possui vocabulário imperialista, centrado no norte global que só corrobora para a ideia de submissão aos interesses dominantes e exclusão de uma grande parcela de indivíduos que não se comunica nessa língua. É necessário refletir sobre quão democrático é esse processo de ensino e aprendizagem.

Mas a minha curiosidade nesse aspecto é porque a **educação empreendedora** escolhe esse perfil tradicional para ser trabalhado, mesmo tendo o empreendedor social uma semelhança forte em relação ao perfil desse outro empreendedor, agregando apenas seu diferencial no engajamento às questões ligadas ao bem-estar social (BITTENCOURT; BRUNSTEIN; MARTINS 2016).

Podemos entender, como uma escolha política, a omissão, ou tratamento secundário, sobre esse outro perfil. Isso, como argumentam Rindova, Barry e Ketchen (2009), contribui para manter à margem potenciais projetos com propósito social e para a dissociação da proposta desses negócios com intenção de mudança social do perfil de empreendedor e/ou empresa de sucesso, inclusive minimizando o valor destes no mercado. Ou seja, poderia ser mais rico – inclusive mais contributivo para a sociedade – se a educação empreendedora buscasse também o desenvolvimento do empreendedorismo social como aspecto direcionador da prática no ambiente educacional.

Seguindo a análise, os conceitos autoconhecimento, análise do perfil pessoal e trabalho em equipe aparecem em diversos depoimentos. De acordo com a teoria, o diferencial do empreendedor é conseguir identificar pontos fortes e fracos do seu perfil e saber trabalhar com diversas equipes. Nesse aspecto, a visão dos alunos é bastante convergente em relação ao aprendizado prático de trabalhar com equipes compostas por integrantes a princípio desconhecidos e bem distintos. Os relatos abaixo reforçam essa visão dos estudantes em relação aos grupos dos projetos que foram desenvolvidos na segunda parte do curso. Trata-se de um aspecto importante e positivo de desenvolvimento na disciplina, já que não se trata apenas de uma competência exigida pelo mercado de trabalho, como também de uma premissa para o convívio social múltiplo – salvo as devidas limitações dessa multiplicidade, considerando o ambiente de uma universidade particular que, mesmo com fins sociais, abriga em sua maioria um perfil de jovens representantes das classes mais abastadas.

*“O mais difícil para mim foi lidar com peessoas muito diferentes. Apesar de eu não ter conseguido lidar como eu gostaria de lidar, acho que foi um aprendizado de lidar com peessoas muito diferentes.” (ALUNA 2).*

*“Abriu uma nova perspectiva para trabalhar em grupo de projetos nesse sentido, de olhar mais para esses projetos de empreendedorismo com a visão mais de [...] saber lidar com as pessoas. Porque, por exemplo, eram oito pessoas de cursos diferentes. Eram visões diferentes, a gente divergia uma hora, convergia outra hora...” (ALUNO 6).*

*“Foi esse processo de você se juntar com outras pessoas e tentar dialogar ideias. Mas dialogar ideias para você construir uma iniciativa nova com o intuito mesmo de lançar um produto no mundo. Acho que esse foi um aprendizado muito grande.” (ALUNA 8).*

*“Esse negócio de trabalhar em grupo, em grupos diferentes. Aprendi muito [...]. Enfim, trabalhar com peessoas diferentes.” (ALUNA 9).*

Outro ponto de convergência nos depoimentos dos alunos e alunas é sobre a contribuição da disciplina acerca da análise pessoal e autorreflexão sobre suas características pessoais. Os estudantes entendem que esse processo de autoconhecimento e apresentação pessoal (saber se vender) é fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional, como mostram os trechos abaixo, com alguns citando, inclusive, uma atividade que é proposta por todos os docentes da disciplina, na qual os estudantes precisam desenvolver um perfil pessoal em formato de anúncio e desenvolver um logo, como marca pessoal:

*“Eu comecei a me vender mais ativamente. Acho que foi uma das primeiras dinâmicas que ela fez, a gente construir uma marca pessoal. Acho que foi muito legal, porque eu não tinha essa visão de me ver como um produto, que eu precisava me vender, que não era só deixar o trabalho falar por mim.” (ALUNO 4).*

*“No começo a gente tinha que fazer como se fosse nossa marca, mas podia ser nossa marca realmente para uma empresa ou nossa marca pessoal. Isso me fez refletir, tipo, como as pessoas me veem? Como eu me vendo para as pessoas? Como eu quero que as pessoas me vejam na hora de, sei lá, me contratar, por exemplo?” (ALUNA 2).*

*“Quanto ao curso, no geral, acho que a atividade que mais me chamou a atenção foi naquela que você tinha que se apresentar. Escrever um texto sobre si, se vendendo e tudo mais, achei bem legal. Para mim, é sempre uma dificuldade, né? Toda vez que vou fazer uma entrevista de estágio “Ah, me conta um pouco sobre você” e eu fico tipo... “Então, eu não sei”. Então, conseguir saber já é uma vitória. E acho que foi um pouco disso, de você olhar para si e saber o que você pode saber de si mesmo. Então, acho que foi bem legal.” (ALUNA 7).*

*“Esse conceito de Eu S/A faz a gente pensar bastante, eu tava atualizando meu LinkedIn recentemente... Eu comecei, parei para pensar mais em como eu vou vender minha marca como profissional, que tipo de profissional eu quero ser.” (ALUNA 8).*

O intuito da atividade é o preparo para que esse jovem destaque seus pontos fortes e consiga se posicionar e se vender, como produto ou empresa, de maneira mais eficiente no mercado. Como é possível perceber nas falas, os alunos percebem muito valor nesse desenvolvimento do **Eu-Produto**, principalmente por estarem em um momento de início da vida adulta, preocupados com sua colocação no mercado de trabalho.

Todos os estudantes entrevistados destacam essa capacidade de se vender como um grande ganho de desenvolvimento proposto pela disciplina. Existe uma preocupação desses jovens em como devem se apresentar e como os outros os perceberão, seja, por exemplo, em uma entrevista de emprego ou até em uma rede social, destacando seus diferenciais competitivos como um produto para alcançar seus objetivos profissionais e ter visibilidade no mercado de trabalho.

Destaco aqui que essa atividade apresentada como um processo reflexivo pelas docentes no desenrolar da disciplina acaba se restringindo ao perfil pessoal, centrado no EU, o que pode contribuir para uma visão mais individualista, competitiva e mercantilista, que já é inerente à premissa capitalista de empresariar a vida (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011). Além de aproveitar oportunidades, minimizando o papel e responsabilidade do Estado e das organizações em relação aos trabalhadores e atribuindo de forma

exclusivamente perversa ao indivíduo a responsabilidade pelo seu eventual sucesso e/ou fracasso, sem considerar aspectos econômicos, políticos e sociais, “atribuindo ao indivíduo um estatuto – totalmente artificial – de ‘dono’ de sua força de trabalho, ou, ainda, de ‘dono’ de seu próprio destino” (ÉSTHER, 2019, p. 866).

Entretanto, sem o acompanhamento de uma reflexão mais crítica, a dinâmica pode acabar – mesmo sem ter a intenção – por reforçar a proposta de uma educação domesticadora e alienante, que coloca os indivíduos como produtos, homem-objeto (FREIRE, 2002), em oferta no mercado. Assim, como o objetivo da disciplina é trabalhar a autorreflexão para o desenvolvimento dos estudantes como cidadãos empreendedores, essa experiência poderia ser ampliada, com a reflexão crítica desse EU no MUNDO. Ou seja, de forma mais contributiva, coletiva, trazendo como desdobramento uma perspectiva mais social para o processo de autoconhecimento e desenvolvimento do perfil empreendedor e alinhado à formação cidadã, uma vez que um dos objetivos explícitos no programa da disciplina é justamente estabelecer essa relação entre empreendedorismo e cidadania.

Em relação a uma abordagem mais colaborativa e menos individualista de ação no mundo, esta preocupação aparece nas falas de alguns estudantes, como, por exemplo, na fala abaixo:

*“Acho que a gente tem que sempre pensar o que a gente tá fazendo para contribuir, porque não adianta só pensar em mim. Porque a média de vida do brasileiro não é bem alta, e filhos, netos vão continuar aqui, então acho que a gente tem que ter essa consciência social para conseguir ter um país, um mundo no futuro [...].” (ALUNA 2).*

Se o ensino do empreendedorismo vislumbra o desenvolvimento de indivíduos propositivos na sociedade, é necessário a construção de uma proposta de educação democrática como prática da liberdade, e não domesticadora, limitante. Por meio da incorporação da perspectiva da educação crítica de Freire (2000), faz-se necessária a construção de uma avaliação crítica e profunda sobre o sistema atual, problematizando as realidades apresentadas como únicas possíveis e, com isso, auxiliar os estudantes a se reconhecer enquanto potenciais sujeitos de mudança no processo de intervenção e melhoria para o mundo. Essa reconstrução da perspectiva da educação pode levar os jovens, aqueles que continuaram como alunos e os que adiantaram a finalização, a mudar sua postura diante das empresas, por exemplo. Em vez de estar exclusivamente preocupado com as adequações do seu perfil à vaga da

empresa, o jovem poderia estar sendo estimulado a ser menos dócil, mais preparado e mais atento criticamente aos pontos de melhoria da organização pretendida, além de ter espaço para levantar essas questões, reivindicando e empreendendo propostas de mudanças e melhoria nesse ambiente/mercado de trabalho.

Essa proposta de **indivíduo padronizado** com vistas a sua inserção profissional é percebida por alguns como um ponto negativo e, de certa forma, incoerente com o ensino do empreendedorismo, como coloca a Aluna 2:

*“Vejo que, muitas vezes, alguns colegas que eu tenho, quando saem de uma disciplina de empreendedorismo, todos saem falando da mesma forma. Então, acho que o empreendedorismo não precisa ser uma fôrma, sabe? Parece que todo mundo tá saindo para uma startup. Porque falam sempre as mesmas palavras: “Porque eu sou apaixonado, o que me move”. Eu entendo que isso seja uma coisa que te inspira, que te move, mas eu [...] fazer uma disciplina de empreendedorismo para sair num molde? Eu não acho que seja empreender, porque empreender tem a ver com inovar.” (ALUNA 2).*

A incoerência apontada pela estudante é bastante pertinente e retrata seu olhar pessoal reflexivo crítico em relação ao que apresentado pelo empreendedorismo. Se empreender é pensar diferente, criar soluções inovadoras a partir de uma visão criativa sobre os problemas e oportunidades (KURATKO, 2005), como seria possível uma educação para o empreendedorismo trabalhar para o desenvolvimento de um discurso e perfil de indivíduo padronizado? Isso pode ser explicado pelo entendimento de que na ideologia do empreendedorismo, os sujeitos, para construção dessa identidade empreendedora, precisam se enquadrar em posturas padrões e de comportamento que são aceitos, reforçados e reconhecidos socialmente como bem-sucedidos (CARMO et al., 2021). Essa escolha pela padronização tende a limitar todo o potencial de criatividade do indivíduo para transformação social a partir da educação empreendedora.

#### 4.4.2

#### **Tema 2 - Ser um Empreendedor Agente de Mudança**

Neste segundo eixo temático, o objetivo foi apresentar uma análise complementar ao eixo anterior trazido pelos sujeitos de pesquisa, com vistas a compreender como a educação empreendedora, através da disciplina escolhida, contribui para o processo reflexivo por parte dos estudantes em relação ao **papel do empreendedor como agente de mudança** neste contexto de crises

proporcionado pela pandemia da COVID-19 no Brasil. A partir desse tema, foram identificados três subtemas: (i) Visão Coletiva x Visão Individualista; (ii) Mudança Positiva x Mudança Negativa; e (iii) Empreendedorismo Social.

Os estudantes entrevistados relataram os principais aspectos a respeito do perfil empreendedor que, na sua visão, consideram como pontos fortes no atual cenário de crises:

*“A educação empreendedora prepara melhor o profissional nesse momento de pandemia, na questão de buscar novas oportunidades.” (ALUNA 3).*

*“Estão surgindo novas dores. Os empreendedores podem atacar essas dores. Novos problemas... A resiliência, a adaptabilidade de ele saber ver que o cenário mudou e se adaptar rápido a esse novo cenário.” (ALUNO 4).*

*“Inovação e criatividade são características dos empreendedores que mais fazem diferença nesse cenário tão desafiador.” (ALUNO 6).*

*“O empreendedor tende a ser mais adaptável e isso faz diferença.” (ALUNA 8).*

*“O empreendedor está sempre antenado às mudanças, porque no nosso mundo tá tudo acontecendo muito rápido, então você estar sempre... é, é isso, antenado. Prestando atenção no mundo ao seu redor, tentando atender às tendências e às mudanças e como você pode se adaptar a isso.” (ALUNA 9).*

Um primeiro ponto a ser destacado se refere ao fato de que os depoimentos destacam uma tendência para uma **visão mais individualista e menos coletiva** sobre o papel do empreendedor, mesmo em um cenário comum de aumento das mazelas sociais em nosso país. A perspectiva comentada pela maior parte dos estudantes não constrói uma relação propositiva do empreendedor frente aos problemas coletivos. Essa visão do empreendedor enquanto alguém que pensa soluções para os novos problemas que surgem, em um contexto de graves crises, só foi comentada pelo Aluno 4, e mesmo assim, sem vincular qualquer compromisso do papel desse protagonista empreendedor, enquanto cidadão, frente à sua função social na sociedade.

A partir desses trechos, é possível perceber uma análise mais individualista por parte dos estudantes que citam aspectos do perfil empreendedor que o destacam enquanto profissional em um cenário de incertezas. As características mais comentadas foram sobre a visão de oportunidades de negócio, flexibilidade para se adaptar em mudanças e criatividade para pensar em soluções para os negócios, ou seja, características comuns que compõem o perfil empreendedor tradicional apresentado pela literatura nacional e estrangeira (ALMEIDA; CORDEIRO; SILVA, 2018).

Corroborando com os valores individualistas do discurso do empreendedorismo, pautado na racionalidade neoliberal (CARMO et al., 2021), a visão comum dos alunos é pensar de que forma o perfil empreendedor sobrevive melhor aos momentos de crises, e não como esse perfil contribui para algum tipo de melhoria na sociedade durante esses desafios.

Mesmo diante desse contexto de crises e extrema necessidade, a figura do empreendedor, em nenhum momento na visão dos estudantes, foi vinculada ao agente de mudança, que teria um papel direto, com engajamento social e proposição de soluções para os problemas mais estruturais.

Além de tentar compreender as características e postura do empreendedor no contexto da pandemia, busquei investigar, questionando de forma mais direta, se na visão dos estudantes o empreendedor, dono de negócio ou não, poderia ser entendido como um agente de mudança na sociedade – uma figura que se pretende sujeito em prol da melhoria das condições socioambientais:

*“Acho que quando você é empreendedor, você faz uma mudança social de alguma forma. Mas não sei dizer se essa mudança seria positiva ou negativa, porque acho que isso depende muito também das referências dessas pessoas, do que ela, como empreendedor, vai priorizar e tudo mais. Então, não sei dizer se ela seria um agente de mudança. Pode ser uma mudança positiva, pode ser uma mudança negativa.” (ALUNA 7).*

*“Eu acho que empreendedores têm sim a capacidade de trazer mudança social, mas essa mudança social pode ser tanto horrível quanto maravilhosa, sabe.” (ALUNA 8).*

*“Isso do empreendedorismo social, empreendedorismo cultural, empreendedorismo ambiental... Eu acho que tem gente que tem interesse, uma vocação já focada nisso, né? Tipo, diretamente nisso, né. Eu quero fazer um empreendedorismo que tenha cunho social... Não vejo muito como um negócio tradicional impactar a sociedade se a empresa ou o que for não tiver um pouco desse cunho social ou ambiental ou cultural, o que for.” (ALUNA 9).*

Conforme observamos nos depoimentos dos estudantes a respeito do empreendedor enquanto agente de mudança, eles ajudam a confirmar que essa relação não é vista como direta, tampouco, necessariamente, é positiva.

As estudantes comentam com naturalidade que a figura do empreendedor pode assumir tanto **um papel de mudança positiva, quanto negativa socialmente**. Na visão dessas alunas, trata-se de uma escolha individual do empreendedor, que está ligada a interesses pessoais, vocação e prioridades. Um exemplo disso, trazido por uma das depoentes, foi de uma rede social que, dentro do modelo de negócio, oferece impacto positivo ao permitir a

conexão de pessoas e, ao mesmo tempo, comercializa os dados pessoais dos usuários, visando interesses de outras organizações e pessoas, promovendo uma mudança social negativa.

A Aluna 9 comenta: “*Não vejo muito como impactar a sociedade se a empresa for tradicional e não tiver esse cunho social*”. Esse é um aspecto com grande potencial de ser explorado pela educação empreendedora, uma vez que existe um movimento crescente no qual algumas empresas tradicionais estão buscando meios de adaptar seus modelos e operação para, não só mitigar impactos negativos, como impactar positivamente a sociedade.

Baseado nesses depoimentos, podemos identificar mais uma oportunidade de melhoria na construção discursiva sobre o papel do empreendedor no ensino do empreendedorismo. Apresentar e explicar, por exemplo, a função social das empresas, definida na Constituição Federal, pode esclarecer que não deveria ser facultativa a ação positiva da iniciativa privada por meio de suas atividades em contribuir para a defesa do meio ambiente e redução das desigualdades regionais e sociais, seja ela de cunho exclusivamente social ou não.

Trabalhar as referências empreendedoras também pode ser bastante relevante. Como destaca a Aluna 7, em seu comentário: “*Não sei dizer se essa mudança seria positiva ou negativa, porque acho que isso depende muito também das referências dessas pessoas*”. Se no processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo as referências indicarem o caminho mais propositivo socialmente, isso poderá influenciar positivamente os futuros empreendedores que ainda não tenham uma referência nesse sentido, e poderá desmistificar a ideia de que o empreendedorismo social está relacionado exclusivamente a uma vocação pessoal, conforme comentou a Aluna 9: “*Eu acho que tem gente que tem interesse, uma vocação já focada nisso, né?*”, e como o empreendedorismo tradicional pode ser desenvolvido, se assim for desejado.

É fundamental questionar a normalização da possibilidade de geração de impacto negativo, por parte de alguns empreendedores e modelos empresariais. Nesse aspecto, uma outra janela de oportunidade a ser trabalhada é o conceito de empreendedorismo social e negócios de impacto, inclusive na discussão sobre perfil empreendedor. E isso precisa ter início na educação, já que o cenário da pandemia visibilizou diversos problemas sociais e ambientais e que, como defende Yunus (2020), não será possível estabelecer uma expectativa de

melhoria futura sem repensar a lógica empreendedora que prioriza a maximização dos lucros.

Outros estudantes até defendem uma relação necessariamente positiva do papel do empreendedor enquanto agente de mudança, mas percebo que de forma um pouco mais superficial e sem aprofundar na crítica. Os dois trechos abaixo expressam esse argumento:

*“Acho que mesmo que ele não esteja pensando em mudar o mundo, se ele for um empreendedor, ele vai acabar mudando o mundo. Mesmo que ele esteja pensando só no dinheiro, ou sei lá, só na adrenalina (risos), ele vai acabar mudando o mundo. Um exemplo: Jorge Paulo Lemann. Jorge Paulo Lemann era um cara de mercado, que trabalhava com dinheiro, que queria ganhar dinheiro... E mudou. O mercado financeiro brasileiro era um antes dele, é outro depois dele. Ele mudou a forma como a gente consome cerveja. Ele mudou... Ele transformou marcas locais em marcas globais, que hoje em dia todo mundo toma. Acho que isso que é uma forma de mudar o mundo.”* (ALUNO 4).

*“O que os empreendedores estão contribuindo para a sociedade... se você olhar para os grandes empreendedores, as grandes marcas, tipo o Facebook, Amazon, Alibaba... Elas meio que foram responsáveis por, de certa forma... iFood... Elas foram responsáveis por manter, de certa forma, as pessoas empregadas até certo nível, e também por fazer a sociedade andar.”* (ALUNA 8).

Nos dois depoimentos podemos perceber que os estudantes afirmam existir inevitavelmente essa agência positiva das empresas e empreendedores perante a sociedade. Esse é o caso do Aluno 4 quando afirma que *“mesmo que ele não esteja pensando em mudar o mundo, se ele for um empreendedor, ele vai acabar mudando o mundo”*. No entanto, a reflexão dos estudantes não alcança um nível de criticidade que seja capaz de problematizar os possíveis desdobramentos nocivos e outras consequências sociais negativas envolvidas nesse impacto imediato, avaliado como positivo, das empresas, como, por exemplo, a geração e estímulo ao trabalho precarizado que muitas marcas que atuam no comércio eletrônico estimulam e que é o motor que financia seus resultados financeiros e crescimento.

Dos nove estudantes entrevistados, apenas um estabelece uma relação direta entre o empreendedor enquanto agente de mudança e o conceito de negócios de impacto:

*“O empreendedor pode ser sim um agente de mudança, principalmente quando as empresas se envolvem em questões sociais. Acho legal... as empresas que são de cunho, que têm muito cunho social no próprio sentido de existir da empresa, que não só visa a questão do lucro, mas que a própria empresa em si trabalha num contexto social... como é mesmo o nome? [...] Isso, negócio de impacto. Acho que isso, essa função do empreendedor dentro da sociedade é muito necessária [...] a gente pensa demais no empreendedorismo como só criar*

*uma empresa e ganhar dinheiro. E  você pode fazer muito mais do que isso. Você pode criar uma empresa, ganhar dinheiro e fazer algo de bom para o outro com isso. Como o nosso projeto... nós não estávamos pensando em ganhar dinheiro. A gente queria ganhar dinheiro, mas, ao mesmo tempo, a gente queria levar algo de bom para o pessoal da baixada.  Não é algo simplesmente ganhar dinheiro por ganhar dinheiro.” (ALUNO 6).*

A fala deste entrevistado ilustra de forma bastante clara como se dá a compreensão da figura do empreendedor social enquanto um agente de mudança social, além de reforçar o quão positiva é a existência desse perfil. Ele constrói essa relação entre empreendedor e empresa para além da visão exclusiva sobre o lucro, lembrando o conceito de negócios de impacto social. Não é uma questão de rejeitar ou ignorar os resultados financeiros, até porque eles são fundamentais para a sustentabilidade do negócio no longo prazo, mas o foco da organização está em promover um impacto positivo na sociedade desde a sua concepção (MELLO et al., 2020). Inclusive, para exemplificar essa ideia, o estudante cita o projeto elaborado pelo seu grupo da disciplina Atitude Empreendedora, que tinha por objetivo oferecer sessões de cinema itinerante para moradores da baixada fluminense sem opções de entretenimento, devido à pandemia, na região metropolitana do Rio de Janeiro.

Relembro aqui nas minhas anotações sobre as aulas, quando o único momento em que essa temática de negócios de impacto social apareceu foi na última palestra, do último dia de aula, após as apresentações do trabalho final, ou seja, com poucos alunos presentes, incluindo o Aluno 6. O tema principal era sobre captação de investimento em inovação/*startup*, mas convidamos dois profissionais, sendo um do mercado digital e outra de uma empresa de investimentos de impacto, convidada para compor esse debate sobre investimentos de uma perspectiva diferente da tradicional. Por ter contraído o vírus da COVID-19, o primeiro não pode comparecer, mas a segunda sim; portanto, através da discussão sobre investimentos, a temática social aparece como secundária ao investimento, e chama a atenção de alguns estudantes, como comenta a Aluna 7:

*“O conteúdo que  mais me surpreendeu foi o da última palestra dada pela moça de investimentos de impacto. Foi uma outra reviravolta na matéria, porque eu não esperava que ela abordasse esse assunto, desse essas ferramentas.” (ALUNA 7).*

Este depoimento mostra a satisfação da aluna em conhecer o conceito de negócios de impacto, através da temática de investimento, durante a disciplina, mesmo que no último encontro. Por se tratar de uma temática muito

recente, já que o termo emerge em 2006, a partir da premiação do Nobel da Paz (BARKI, 2015), muitas pessoas, como é o caso da entrevistada, não conhecem nada a respeito. Mesmo sendo o empreendedorismo social mais conhecido, ainda assim, o entendimento mais comum é de que este tipo de empreendedorismo está relacionado exclusivamente a negócios e projetos sem fins lucrativos, mas isso não é uma regra (DEES, 1998). Portanto, apresentar para os jovens, que estão buscando um caminho profissional aliado a um propósito positivo, que é possível “ganhar dinheiro e fazer o bem ao mesmo tempo” (BARKI, 2015, p. 16) acaba por provocar essa possibilidade de reviravolta, como cita a estudante.

Quero destacar o diálogo bastante interessante provocado após a palestra, no qual falamos de discriminação e preconceito no mundo dos negócios, coerência entre discurso e prática, Sistema B e outros tópicos relacionados a esse universo do empreendedorismo social e dos negócios de impacto, que precisam ser tratados em um contexto da educação crítica. Infelizmente, apenas oito estudantes estavam presentes.

Corroborando com esse relato e análise sobre a importância de esses assuntos serem abordados na disciplina, destaco a seguir um trecho de uma das entrevistadas, aluna de outra turma, para a qual a docente apresentou o documentário *Quem se Importa*<sup>3</sup> e sugeriu, para uma atividade em casa de construção de relação com a disciplina, o filme “O menino que descobriu o vento”<sup>4</sup>. Relembro aqui que essas atividades são de livre iniciativa dos docentes e não fazem parte de uma escolha pedagógica e de conteúdo direcionada pela coordenação do empreendedorismo, mas são exemplos de como trazer a temática do **empreendedorismo social** para a discussão e construção de referências na educação empreendedora.

Sobre a experiência a partir dessas atividades dos filmes, uma das alunas entrevistadas comenta:

*“Esse documentário Quem se importa foi muito legal, sabe, foi lindo, nunca tinha visto. Ficou na minha cabeça, eu amei ter visto, aprendi tanta coisa [...] enfim,*

---

<sup>3</sup> *Quem se Importa*: documentário que mostra a vida de 19 empreendedores sociais e seus projetos ao redor do mundo, trazendo como exemplo como pequenas atitudes podem mudar a vida de uma ou mais pessoas, dentre eles o prêmio Nobel da Paz, Muhammad Yunus. Nas palavras da diretora do longa metragem, Mara Mourão, o objetivo é “trazer esta cultura do Empreendedorismo Social para dentro dos ambientes de educação” (QUEM SE IMPORTA - EDUCAÇÃO, 2021).

<sup>4</sup> O filme, que é baseado em uma história real contada em um livro, mostra a história de um jovem do Malawi que se cansa de assistir todos os colegas de seu vilarejo passando por dificuldades pela falta de água e começa a desenvolver uma inovadora turbina de vento que fazia funcionar a bomba e possibilitou a captação de água do solo ressequido, de modo a garantir a irrigação da colheita e a sobrevivência de sua comunidade.

*você vê realmente que as pessoas podem ser boas, faz a gente acreditar num mundo melhor. Aí eu falei, “Pô, então eu vou ver o outro filme também”, porque a gente tinha que fazer uma dissertação e relacionar com a matéria, né. Acho que foi o que mais me tocou lá no coração, mais a fundo, foi uma coisa que eu refleti bastante... Sobre essas atitudes que as pessoas podem tomar e bater numa tecla que não é fácil, e vai até o fim, essas pessoas foram até o fim e eu achei isso muito legal... Então, realmente é uma coisa que fica aí para se refletir, né, de a gente fazer um negócio querendo ajudar o próximo, de a gente querer fazer melhor as coisas, tomar atitudes melhores.”* (ALUNA 3).

Esta fala exemplifica bem o que o educador Paulo Freire (2014) defende sobre a esperança na educação crítica. Para que seja possível desenhar um processo de mudança, primeiro é preciso sonhar, ter esperança. Isso não quer dizer que sonho e esperança bastam para se transformar a realidade, mas sem esses elementos sequer podemos começar a luta pelo que desejamos e acreditamos de melhor para a sociedade. “Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (FREIRE, 2014, p. 15). Quando exemplos reais de empreendedores sociais que foram capazes de mudar positivamente a realidade na qual estavam inseridos são apresentados como referências, seja por meio dos filmes ou outros canais, no caminho pedagógico do ensino do empreendedorismo, a mensagem deixada para os jovens é, como coloca a Aluna 3: *“uma coisa que fica aí para se refletir, né, de a gente fazer um negócio querendo ajudar o próximo, de a gente querer fazer melhor as coisas, tomar atitudes melhores”*.

Como percebemos pelos depoimentos interessados, abordar a temática do empreendedorismo social como um caminho direcionador e de reflexão ao longo da disciplina pode contribuir para o processo de tomada de consciência por parte dos indivíduos que, como defende Freire (2002), promoverá uma compreensão crítica da realidade e, dessa forma, os engajará no processo de transformação social. Nos estudantes que já estão refletindo sobre essas questões socioambientais e seus papéis enquanto cidadãos, desde outros momentos de suas trajetórias, a apresentação do tema no ensino do empreendedorismo pode facilitar o contorno de suas ideias e a tomada de ação.

Defendo isso com base nas falas de alguns estudantes que, de alguma forma, trouxeram para o depoimento uma reflexão em relação ao seu papel enquanto cidadão e/ou objetivos profissionais e de vida, destacando que essa orientação foi desenvolvida em outros momentos de sua trajetória. Esses trechos a seguir exemplificam como o impacto dessas temáticas, quando trabalhadas na educação formal ou não, pode ser responsável pelo desenvolvimento de um

indivíduo capaz de elaborar para si uma perspectiva cidadã, sobre seus objetivos de vida, compromisso social e/ou ambiental.

*“Eu sempre me interessei muito pelo meio ambiente [...] Claro que por causa da escola e tal, a escola que eu ia quando eu era pequena tinha muito disso [...] essa postura cidadã, de estar preocupado com a sociedade, o meio ambiente, enfim, sempre foi meu objetivo.” (ALUNA 9).*

*“Eu gosto muito desse viés ambiental, são coisas que eu pratico na minha vida desde a escola e gosto de incentivar e participar também profissionalmente... E me motiva também para correr atrás”. (ALUNA 2).*

*“Esse projeto que escolhi fazer ano passado, de reciclagem de plástico, acho que tem uma mudança social absurda, e até a forma que eu queria implementar ele, que é nas cooperativas. Eu tô pensando nele há mais de um ano, começou no curso de design com esse amigo. Se eu conseguir aumentar 200 reais na renda de 10 mulheres da cooperativa, já será um grande impacto social. É isso que eu quero e muito mais. Quero usar meu conhecimento para mudar o mundo.” (ALUNO 5).*

*“Então, eu aprendi que o jornalismo tem esse dever de você clarear para as pessoas alguma coisa que elas não conseguem ver. Não exatamente que está escondido, mas que elas não conseguem ver. E acho que isso influencia muito no que eu quero ser como empreendedora também, sabe, de usar as ferramentas que eu tenho pra justamente levar conhecimento e informação para as pessoas. E acho que o projeto que escolhi desenvolver é um pouco disso também, de você clarear um assunto, que nesse caso foi a política, considerado muito difícil para a maioria das pessoas”. (Aluna 7)*

Com base nestes trechos, constato que estamos diante de uma excelente oportunidade de mudança para que a educação empreendedora possa refletir sobre seu papel ativo na formação de indivíduos críticos, que sejam capazes de desenvolver uma postura empreendedora consciente, baseada nos interesses coletivos e necessidades reais do contexto em que se vive.

Aproveitar o interesse na temática socioambiental declarado por esses jovens, que estão buscando um propósito para trilhar seus caminhos profissionais, apresentando o empreendedorismo social a partir de uma perspectiva crítica, pode ajudar a alavancar essa intenção no discurso que alguns estudantes já trazem consigo de causar impacto positivo nas suas atividades: “essa postura cidadã, de estar preocupado com a sociedade, o meio ambiente, enfim, sempre foi meu objetivo” (ALUNA 9); “Quero usar meu conhecimento para mudar o mundo” (ALUNO 5); “Eu quero ser como empreendedora também, sabe, de usar as ferramentas que eu tenho para justamente levar conhecimento e informação para as pessoas” (ALUNA 7). Além do poder de engajar outros alunos que ainda não tenham tido a oportunidade de refletir sob essa perspectiva.

É fundamental que o ensino do empreendedorismo possa dar suporte para o desenvolvimento sustentável que nosso planeta exige nesse momento de colapso sanitário, político, econômico e social, não só devido à pandemia, mas também a diversas atitudes irresponsáveis tomadas por indivíduos e pequenos grupos com interesses exclusivamente nos lucros pessoais, em detrimento da maior parte da população, inclusive as gerações futuras.

Considerando a oferta de disciplinas, a diversidade acadêmica do corpo docente e os projetos de extensão com impacto articulados pela coordenação do domínio adicional de empreendedorismo, como, por exemplo o PEI – Programa de Empreendedores de Impacto – junto à FAPERJ, que aconteceu durante essa pesquisa, esse movimento de mudança pode ser iniciado sem a necessidade de uma reconstrução estrutural.

Um caminho possível seria incorporar, de forma transversal, nas disciplinas obrigatórias, inclusive em Atitude Empreendedora, a perspectiva do empreendedorismo social e negócios de impacto que já fazem parte do conteúdo programático de outras disciplinas, como Empreendedorismo e Desenvolvimento Local, Planejamento de Empreendimentos Sociais e Empreendedorismo Sustentável e Econegócios, conforme já apresentado e detalhado nesse texto, tendo como objetivo não desassociar o compromisso cidadão com as causas socioambientais do empreendedorismo e perfil do empreendedor de sucesso.

Além disso – e um tanto mais complexo, mas não menos fundamental –, é a incorporação de uma perspectiva mais crítica na educação empreendedora, e isso pode valer para todas as disciplinas dessa formação complementar. Essa perspectiva apresentaria para os estudantes um convite ao estado de reflexão e problematização das questões sociais, dos discursos e das diferentes práticas empreendedoras e empresariais diante desses dilemas.

Por acreditar, assim como Paulo Freire, que a educação é um ato político e a única forma de propor uma mudança estrutural, defendo que é preciso escolher se o caminho do ensino do empreendedorismo será o da transformação social ou o da manutenção do *status quo*, a serviço das classes dominantes. E para os que optam pela neutralidade, vou avisá-los que esta também é uma escolha em apoio à realidade opressora na qual nos encontramos.

## 5 Considerações Finais

Para concluir este trabalho, retomo aqui, em primeiro lugar, o que me motivou, enquanto profissional a serviço do empreendedorismo e pesquisador, a desenvolver esse projeto de pesquisa acadêmica sobre o tema da educação empreendedora. Ao longo do meu caminho empreendedor, algumas experiências me fizeram refletir que seria necessário questionar o modelo e compreender, de maneira crítica, o projeto que pode estar por trás do ensino do empreendedorismo para os jovens nas universidades. A partir do cenário de agravamento das crises sociais, econômicas, políticas, ambientais e sanitárias, devido à pandemia da COVID-19, esse meu interesse se torna mais latente, o que culminou no objetivo principal deste estudo, que foi compreender como, em um contexto brasileiro de pandemia, a educação empreendedora busca construir um conhecimento reflexivo e propositivo acerca do papel do empreendedor na sociedade, e de que forma uma educação crítica pode contribuir com esse processo.

Para que esse objetivo da pesquisa fosse atendido, no referencial teórico busquei trazer a compreensão básica da literatura sobre o empreendedorismo e sobre a educação empreendedora, propondo um diálogo analítico a partir da perspectiva da educação crítica defendida pelo educador Paulo Freire. Além de agregar uma breve discussão sobre empreendedorismo social e negócios de impacto, que teve por objetivo construir pontes propositivas para o diálogo proposto entre o ensino do empreendedorismo e a educação conscientizadora de Freire.

Durante a condução do trabalho, para atingir os objetivos pretendidos, utilizei e combinei intencionalmente diferentes técnicas para fazer o levantamento dos dados necessários, como observação participante de uma turma da disciplina Atitude Empreendedora do domínio adicional de empreendedorismo, análise documental e entrevistas com duas docentes e nove estudantes dessa disciplina, que se voluntariam a participar. Para o desenvolvimento da análise da pesquisa, o método qualitativo que escolhi utilizar

foi a Análise Temática, que teve por objetivo identificar, analisar, interpretar e relatar padrões temáticos de significado a partir do conjunto de dados gerados em campo. A partir dessa análise foram evidenciados dois grandes temas: (1) Ser Empreendedor e (2) Ser um Empreendedor Agente de Mudança; com seus respectivos subtemas que contribuiram para a sistematização da análise.

Com intuito de compreender como as discussões temáticas trazidas pelos docentes e estudantes na disciplina Atitude Empreendedora dialogam com as realidades sociais brasileiras, a partir da análise ficou evidenciado que, apesar de existir uma intenção institucional positiva da disciplina em trabalhar um projeto de mobilização cidadã, e também iniciativas isoladas de algumas docentes de apresentar temáticas que dialoguem com a realidade, seria interessante que fossem trabalhadas de forma mais aprofundada. O desenvolvimento do perfil empreendedor nos estudantes, visando um diálogo com os desafios sociais e ambientais presentes na realidade brasileira, ainda é explorado de forma distanciada na educação empreendedora, que, como ficou destacado nas falas dos estudantes, está mais a serviço de uma padronização de indivíduos que saibam se vender bem para uma inserção de sucesso no mercado de trabalho, do que de um desenvolvimento reflexivo desses jovens para se tornarem agentes de mudanças que sejam capazes de analisar criticamente as realidades sociais brasileiras e empreender alguma transformação.

Com esta pesquisa também pude compreender que a proposta de uma educação crítica defendida por Paulo Freire pode contribuir para que a educação empreendedora não seja apenas um projeto de domesticação e manutenção da estrutura hegemônica social. Repensar o ensino do empreendedorismo a partir da pedagogia crítica contribuirá para o processo de conscientização dos estudantes enquanto cidadãos, promovendo uma compreensão crítica sobre a realidade que os circunda, com potencial de gerar um engajamento no processo de transformação social.

É fundamental e urgente que a educação empreendedora, como instrumento político, democrático e de liberdade, trabalhe a serviço da visão coletiva, desenvolvendo indivíduos que não sejam objetos, mas sim sujeitos capazes de interagir com as demandas reais para além de suas bolhas e atuar de forma propositiva, promovendo mudanças positivas frente aos problemas socioambientais que fazem parte das realidades brasileiras.

Diante desses entendimentos apresentados, acredito que esta pesquisa contribui para os estudos no campo do empreendedorismo, e principalmente da

educação empreendedora, ao propor a construção de uma ponte, a partir de um alicerce consistente da pedagogia crítica de Paulo Freire, entre o empreendedorismo social, de impacto positivo e o ensino do empreendedorismo, a fim de que esta educação possa ser compreendida como um caminho de transformação social positiva, e não como um instrumento de alienação dos jovens.

Agora, de forma ainda mais específica, para o ensino do empreendedorismo desta universidade, este estudo contribui como uma análise crítica, evidenciando aspectos a serem repensados na disciplina Atitude Empreendedora, que é base na certificação do domínio adicional. A proposta é incorporar a pluralidade cultural no currículo de formação empreendedora apresentando novas referências de empreendedores que representem de fato as potencialidades da diversidade das realidades brasileiras, exemplos de negócios de impacto, inclusivos, verdadeiramente sustentáveis, sociais, comunitários que visem transformação social para além do objetivo exclusivo e individual de gerar lucro. Outra proposição seria agregar conceitos e temas relacionados ao empreendedorismo social, como por exemplo os ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que já estão disponíveis em outras disciplinas isoladas e não obrigatórias na grade, compondo o objetivo comum de formação e desenvolvimento de um perfil empreendedor, para além do tradicional já desenvolvido, mais engajado nas nossas questões sociais e/ou ambientais. Em relação à reflexão crítica e social, a recomendação seria trazer para a disciplina essa perspectiva sistêmica enquanto caminho de aprofundamento da discussão e estranhamento do *status quo*, por exemplo nos projetos de mobilização cidadã criados pelos estudantes durante a disciplina, nos quais, seria possível repensar as ideias, modelos de projeto que possam romper com as estruturas e discursos comuns, facilitem o verdadeiro diálogo e empatia com pessoas “fora da bolha” e contribuam de fato para a resolução de problemas relevantes.

Para pesquisas futuras, considero relevante a realização de estudos comparativos entre diferentes universidades, agregando disciplinas básicas do empreendedorismo, como também as que trabalham a temática do empreendedorismo social, com objetivo de compreender aproximações e afastamentos. É válido também trabalhar com estudos que sejam capazes de propor caminhos pedagógicos para o desenvolvimento desse perfil empreendedor mais crítico nas universidades. Outro aspecto interessante para futuras pesquisas é a proposição do diálogo de outros autores do campo da educação com a educação empreendedora, que ainda carece dessa

aproximação, com objetivo de pensar com profundidade nesse ensino do empreendedorismo.

Por fim, de forma incansável, reafirmo que é urgente esse (re)posicionamento da educação empreendedora, diante desse cenário pandêmico que escancarou, até para quem gostaria de ignorar, nossa triste realidade social, ambiental – humana. Trata-se de uma escolha política da instituição de ensino, portanto dos educadores que trabalham com a temática, ser instrumento de transformação ou replicadora da lógica desigual e opressora na formação dessa geração.

## 6

### Referências Bibliográficas

ALLWRIGHT, L. **The notion of progress in research on language teaching and learning**, 2000.

ALMEIDA, L. R. S. de; CORDEIRO, E. de P. B.; SILVA, J. A. G. da. Proposições acerca do Ensino de Empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior Brasileiras: uma Revisão Bibliográfica. **Revista de Ciências da Administração**, p. 109–122, 2018.

ARAUJO, G. F. de; DAVEL, E. P. B. Educação empreendedora, experiência e John Dewey. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 12, n. 4, p. 1, 2018.

ARONSSON, M. Education Matters--But Does Entrepreneurship Education? An interview with David Birch. **Academy of Management Learning & Education**, v. 3, n. 3, p. 289–292, 2004.

AUSTIN, J.; STEVENSON, H.; WEI-SKILLERN, J. Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both? **Revista de Administração**, v. 47, n. 3, p. 370–384, 2012.

BARKI, E. Negócios de impacto: tendência ou modismo? **GV-executivo**, v. 14, n. 1, p. 14, 2015.

BARKI, E. et al. Social Entrepreneurship and Social Business: Retrospective and Prospective Research. **RAE-Revista de Administração de Empresas | FGV-EAESP**, v. 55, n. 6, p. 725–731, 2015.

BARKI, E.; COMINI, G. M.; TORRES, H. DA G. **Negócios de impacto socioambiental no Brasil**: Como empreender, financiar e apoiar. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

BASTOS, M. F.; FERREIRA RIBEIRO, R. Educação e empreendedorismo social: um encontro que (trans)forma cidadãos. **Revista Diálogo Educacional**, v. 11, n. 33, p. 573, 2017.

BICALHO, R. de A.; PAULA, A. P. P. de. Empresa Júnior e a reprodução da ideologia da Administração. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 4, p. 894–910, 2012.

BITTENCOURT, I.; BRUNSTEIN, J.; MARTINS, A. Systematic Review of the Literature Social Entrepreneurship and Skills Development: An Analysis of Past 10 years. **International Journal of Innovation**, v. 4, n. 1, p. 33–45, 2016.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Successful qualitative research a practical guide for beginners 2019**. [s.l.] SAGE Publications, 2013.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**, v. 2, p. 13-37, 2008.

CARMO, L. J. O. et al. Paulo Freire, ergologia e os discursos do empreendedorismo. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 12, n. 3, p. 51, 2018.

CARMO, L. J. O. et al. O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 19, n. 1, p. 18–31, 2021.

CLARK, J. T. Crossing Educational Boundaries: Reframing Entrepreneurship as a Social Change Agent. **College of Human Ecology**. p. 1–13, 2005.

COAN, M. **Educação para o empreendedorismo [tese]:** implicações epistemológicas, políticas e práticas. [s.l.] UFSC, 2011.

COCHRAN-SMITH, M; LYTLE, S. L. **Inquiry as Stance: Practitioner Research for the Next Generation**. [s.l.: s.n.].

COSTA, A. D. S. M. da; SARAIVA, L. A. S. Ideologias Organizacionais: Uma Crítica Ao Discurso Empreendedor. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 1, n. 2, p. 187, 2015.

DA COSTA, A. de S. M.; SARAIVA, L. A. Hegemonic discourses on entrepreneurship as an ideological mechanism for the reproduction of capital. **Organization**, v. 19, n. 5, p. 587–614, 2012.

DA COSTA, M. T. G.; CARVALHO, L. C. A educação para o empreendedorismo como facilitador da inclusão social: Um caso no ensino superior. **Revista Lusofona de Educação**, n. 19, p. 103–118, 2012.

DEES, J. G. The Meaning of Social Resources. **Journal of Educational Sociology**, 1998.

DEGEN, R. J. Empreendedorismo: uma filosofia para o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza. **Letrônica**, v. 10, n. 21, p. 11–30, 2008.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. 5. ed. [s.l.] SAGE, 2018.

DOLABELA, F. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: [s.n.].

DOLABELA, F.; FILION, L. J. Fazendo Revolução no Brasil: A Introdução da Pedagogia Empreendedora nos Estágios Iniciais da Educação. **Analisis pendapatan dan tingkat kesejahteraan rumah tangga petani**, v. 3, 2013.

ELLIS, C.; BOCHNER, A. **Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject**. In: [s.l.: s.n.].

ÉSTHER, A. B. A política de identidade do empreendedorismo: uma análise na perspectiva da sociologia figuracional e da psicologia social crítica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 17, n. spe, p. 857–870, 2019.

FREEMAN, R. E.; MARTIN, K.; PARMAR, B. Stakeholder capitalism. **Journal of Business Ethics**, v. 74, n. 4, p. 303–314, 2007.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Olho D'água, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: [s.n.].

FREIRE, P. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: [s.n.].

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. [s.l.] Editora Paz e Terra, 2014.

GILMORE, A. Reflections on methodologies for research at the marketing/entrepreneurship interface. **Journal of Research in Marketing and Entrepreneurship**, v. 12, n. 1, p. 11–20, 2010.

GILMORE, A.; CARSON, D. SME marketing: efficiency in practice. **Small Enterprise Research**, v. 25, n. 3, p. 213–226, 2018.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN N.; LINCOLN. Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. WMF Martin ed. São Paulo: [s.n.].

ILHÉU, T. **Quem foi Paulo Freire e por que ele é tão amado e odiado**. Guia do Estudante. set 2020. Disponível em:

<<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/quem-foi-paulo-freire-e-por-que-ele-e-tao-amado-e-odiado/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

JARJ. **O projeto mais esperado do ano - MINIEMPRESA**. JA Rio de Janeiro, out. 2018. Disponível em: <<https://www.jarj.org.br/miniempresa/>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

JR PAIVA, F. G. de; ALMEIDA, S. D. L.; GUERRA, J. R. F. O Empreendedor Humanizado como uma Alternativa ao Empresário Bem-Sucedido: Um Novo Conceito em Empreendedorismo, Inspirado no Filme Beleza Americana. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, p. 112–134, 2008.

KURATKO, D. F. The Emergence of Entrepreneurship Education: Development, Trends, and Challenges. **Entrepreneurship Theory and Practice**, p. 577–597, 2005.

KURATKO, D.; HODGETTS, R. **Entrepreneurship: Theory, process, practice**. [s.l.: s.n.].

LIBERATO, A. C. T. Empreendedorismo na Escola Pública: Despertando Competências, Promovendo a Esperança! **Biblioteca SEBRAE**, p. 1–13, 2007.

LOPES, R. M. A.; LIMA, E. Desafios Atuais E Caminhos Promissores Para a Pesquisa Em Empreendedorismo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 59, n. 4, p. 284–292, 2019.

DA COSTA, A. MELLO.; FRANCA BARROS, D.; LUIS FELICIO CARVALHO, J. A Dimensão Histórica dos Discursos acerca do Empreendedor e do Empreendedorismo. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 179–197, 2011.

MELLO, J. L. DE et al. **Cabugi: histórias de negócios de impacto e empreendedores sociais do Rio Grande do Norte**. Natal: SEBRAE/RN, 2020.

MELLO, R. E. S. DE; PISCHETOLA, M. **Universidade como agente de inovação social e o caso Students 4 Change**. Rio de Janeiro: Arissas, 2019.

MELLO, R. E. S.; MARTINS, L. DE S. E S.; ZARDO, J. B. G. 20 anos de educação Empreendedora. In: **Anais Chamadas de Trabalhos do Innovation Summit Brasil 2019, O futuro dos ambientes de inovação**. Florianópolis: [s.n.].

MILLER, I. K. DE. **Researching Teacher Consultancy Via Exploratory Practice: a Reflexive and Socio-Interactional Approach**. [s.l.] Lancaster University, 2001.

MIRANDA DE OLIVEIRA, A. G.; MELO, M. C. DE O. L.; DE MUYLDER, C. F. Educação Empreendedora: O Desenvolvimento do Empreendedorismo e Inovação Social em Instituições de Ensino Superior. **Revista Administração em**

**Diálogo - RAD**, v. 18, n. 1, p. 29, 2016.

MOREIRA, N.; ALVES, M. P.; SILVA, A. M. C. A educação para o empreendedorismo em mediação : um estudo com estudantes universitários. In: **Sustentabilidade da Mediação Social: processos e práticas**, p. 69–78, 2016.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **ODS**. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 31 maio. 2021.

NECK, H. M.; GREENE, P. G. Entrepreneurship Education: Known Worlds and New Frontiers. **Journal of Small Business Management**, v. 49, n. 1, p. 55–70, 2011.

NOVAES, M. B. C.; GIL, A. C. Participatory action research as a methodological strategy for the study of social entrepreneurship in business administration/A pesquisa-acao participante como estrategia metodologica para o estudo do empreendedorismo social em administracao de empresas. **Revista de Administracao Mackenzie**, v. 10, n. 1, p. 134, 2009.

OGBOR, J. O. Mythicizing and reification in entrepreneurial discourse: Ideology-critique of entrepreneurial studies. **Journal of Management Studies**, v. 37, n. 5, p. 605–635, 2000.

OLIVEIRA, P. C. de; CARVALHO, P. de. A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 17, n. 37, p. 219–230, 2007.

PACHECO, A. et al. A pedagogia de Paulo Freire e a pedagogia empreendedora. p. 1–11, 2006.

PACHECO, J. **Dicionário de valores**. 1ª Edição ed. São Paulo: SM Edições, 2012.

PETRINI, M.; SCHERER, P.; BACK, L. Modelo de negocios com impacto social. **RAE-Revista de Administração de Empresas | FGV/EAESP**, p. 209–225, 2016.

PITANO, S. D. C. a Educação Problematizadora De Paulo Freire, Uma Pedagogia Do Sujeito Social. **Revista Inter Ação**, v. 42, n. 1, p. 087, 2017.

PÔRTO JR., G. **Pesquisa em inovação: Múltiplos Olhares Rumo A Uma Convergência Formativa**. [s.l.] EDUFT, 2019.

QUEM SE IMPORTA. **Educação**. Disponível em: <<http://www.quemseimporta.com.br/education/>>. Acesso em: 31 maio. 2021.

RANCIERE, J. **O mestre ignorantes: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. 3ª edição ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

RAUCH, A. Putting entrepreneurship education where the intention to act lies: An investigation into the impact of entrepreneurship education on

entrepreneurial behavior. **Academic of Management Learning & Education**, v. 14, n. 2, p. 187–204, 2012.

RINDOVA, V.; BARRY, D.; KETCHEN, D. J. Entrepreneurship as Emancipation. **Academy of Management Review**, v. 34, n. 3, p. 477–491, 2009.

SABINO, G. T. **Empreendedorismo**: reflexões críticas sobre o conceito no Brasil. Anais do Seminário do Trabalho. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br>>.

SACCOL, A. Z. Um Retorno Ao Básico: Compreendendo os Paradigmas De Pesquisa e Sua Aplicação na Pesquisa em Administração. **Rev. Adm. UFSM, Santa Maria**, p. 250–269, 2009.

SAES, A. M.; MARCOVITCH, J. Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 9, n. 1, p. 01, 2020.

SANTOS, B. DE S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. [s.l.] Edições Almedina, 2020.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Educação Empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 3, p. 60, 2016.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SEBRAE. **O que são negócios de impacto social e como eles funcionam**. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/o-que-sao-negocios-de-impacto-social,1f4d9e5d32055410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

SOARES, T. B. **Discursos do sucesso** : a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo. [s.l.: s.n.].

SOUZA, A. M. E. Jovens E Educação Empreendedora: Que Discurso É Esse? **Educativa**, v. 9, n. 2, p. 217–229, 2006.

SOUZA, L. K. DE. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 71, n. 2, p. 51–67, 2019.

STOKES, D. Putting entrepreneurship into marketing. **Journal of Research in Marketing & Entrepreneurship**, v. 2, n. 1, p. 1–16, 2000.

VENKATARAMAN, S. The Distinctive Domain of Entrepreneurship Research. **Advances in entrepreneurship, firm emergence, and growth**, v. 3, n. 1, p. 119–138, 1997.

YUNUS, M. **No mundo pós-coronavírus, não podemos dar passos para trás.** Disponível em: <<https://exame.com/economia/no-mundo-pos-coronavirus-nao-podemos-dar-passos-para-tras/>>.

ZAPPELLINI, M. B.; FEUERSCHÜTTE, S. G. O Uso Da Triangulação Na Pesquisa Científica Brasileira Em Administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 241, 2015.

## Anexo 1

### Roteiro de Entrevista dos Estudantes:

#### **DISCIPLINA**

- O que te motivou a cursar o domínio adicional de empreendedorismo?
- Você recorda, sobre o início do semestre, qual era sua expectativa em relação à disciplina? Você acredita que esta expectativa foi atendida?
- Você gostou de ter cursado a disciplina?
- O que você achou mais interessante?
- Algo te surpreendeu? E de forma negativa? Algo te surpreendeu de forma negativa?
- Me conte um episódio nessa disciplina que teve grande relevância para você e por quê. Algo te surpreendeu de forma positiva? E negativa?

#### **PERFIL EMPREENDEDOR**

- A partir das aulas, suas pesquisas e trabalhos durante este curso, me fale um pouco do que você acha sobre o perfil empreendedor? Você se considera dentro desse perfil? Por quê?
- Para você, qual a importância de se ter esse perfil empreendedor?
- Perfil Empreendedor (Inovação/Criatividade; Habilidade de resolução de problemas; Habilidade de persuasão e conciliação; Adaptabilidade/Flexibilidade; Habilidade de relacionamento pessoal; Risco calculado)

#### **EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA**

- Agora recortando para sua experiência pessoal nesse processo, o que você percebeu de mudança significativa em sua postura/característica após essa disciplina? Poderia exemplificar uma ou mais situações?
- Que tipo(s) de aprendizado(s) você destacaria durante a disciplina?
- Na sua visão, o que poderia ser melhorado nesse processo de aprendizagem sobre empreendedorismo?

**REFLEXÃO E AGENTE DE MUDANÇA**

- Em relação à sua visão sobre empreendedorismo, o que você acredita que mudou ou foi reforçado pela sua experiência na disciplina?
- Você acha que o empreendedorismo agrega valor em seu desenvolvimento? Se sim, de que forma? E no contexto de pandemia?
- Nesse momento de pandemia, crise e de mudanças no contexto global, como você enxerga a atuação do empreendedor na sociedade?
- O empreendedor pode ser visto como um agente de mudança na sociedade? Se sim, de que forma? Por que não?
- Você se considera um empreendedor? Qual o seu papel na sociedade, enquanto cidadão?

## Anexo 2

### Roteiro de Entrevista dos Docentes:

#### **EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E REFLEXÃO**

- Para você, qual o objetivo central da educação empreendedora na formação desses indivíduos (dos alunos)?
- Na sua opinião, por que os alunos buscam essa disciplina do domínio adicional?
- Como a disciplina Atitude Empreendedora contribui na formação dos alunos?
- Como você busca estimular a prática reflexiva por parte dos alunos durante esse processo? Poderia exemplificar?

#### **PERFIL EMPREENDEDOR**

- Em sua visão, quais são as características principais do perfil empreendedor? Como você as trabalha em sala de aula?
- Que mudanças você percebe nos estudantes durante esse processo?

#### **CONTEXTO E AGENTE DE MUDANÇA**

- Como você identifica, no atual contexto de pandemia e crise econômico-social, o papel da educação empreendedora?
- Você acha que a educação empreendedora passa (ou deve passar) por alguma mudança?
- Na sua prática em sala de aula remota durante este semestre, algo foi modificado, considerando este contexto? (Deixar claro para o entrevistado que não é a modificação em função da transição presencial/remoto, mas sim em função do contexto de pandemia e de isolamento social)
- E sobre o perfil empreendedor, alguma característica deveria ser agregada nesse novo contexto?

- Me fale um pouco sobre como você enxerga a relação empreendedorismo e cidadania. Você trabalha isso na prática? De que forma?